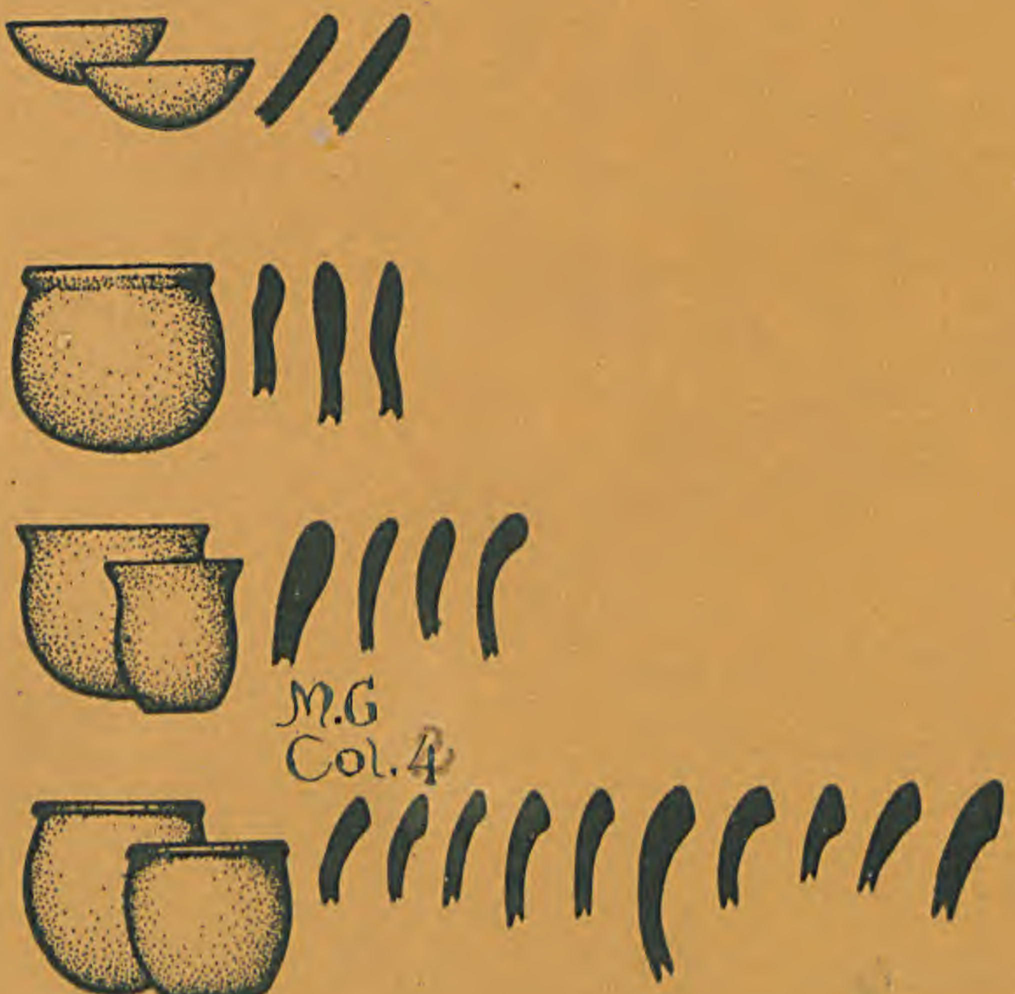
PUB. AVULSAS 12

ARQUEOLOGIA BRASILEIRA EM 1968

Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas



M.G
Col.4

BROCHADO
CALDERÓN
CHMYZ
DIAS JR.
EVANS
MARANCA
MEGGERS
MILLER
NASSER
PEROTA
PIAZZA
RAUTH
SIMÕES

Entregue para publicação em 3/1/69
Publicado em 6/8/69

SciELO

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

ARQUEOLOGIA BRASILEIRA EM 1968

UM RELATÓRIO PRELIMINAR SÔBRE O PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS

José Proenza BROCHADO, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; **Valentin CALDERÓN,** Universidade Federal da Bahia; **Igor CHMYZ,** Universidade Federal do Paraná; **Ondemar F. DIAS JR.,** Patrimônio Histórico e Artístico da Guanabara; **Clifford EVANS,** Smithsonian Institution; **Silvia MARANCA** Museu Paulista; **Betty J. MEGGERS,** Smithsonian Institution; **Eurico Th. MILLER,** Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul; **Nássaro A. de Souza NASSER,** Universidade Federal do Rio Grande do Norte; **Celso PEROTA,** Museu de Arte e História, Espírito Santo; **Walter F. PIAZZA,** Universidade Federal de Santa Catarina; **José Wilson RAUTH,** Universidade Federal do Paraná; e **Mário F. SIMÕES,** Museu Paraense Emílio Goeldi.

PUBLICAÇÕES AVULSAS Nº 12

MG 505 P1 ex. 4

1969
BELÉM — PARÁ — BRASIL

Embora nos últimos 20 anos as pesquisas arqueológicas tenham progredido consideràvelmente em várias partes do Nôvo Mundo, no Brasil pouca atenção receberam. No entanto, sendo o conhecimento desta vasta área essencial para a reconstrução do desenvolvimento cultural pré-histórico e de sua difusão no continente, fazia-se urgentemente necessário incrementar os trabalhos de campo. Contudo, o Brasil, com cêrca de 8.500.000 km², possui menos arqueólogos que um só estado norte-americano. Em tais condições, a obtenção de informações completas a curto prazo e com mínimo de financiamento apresentava, em têrmos de planejamento de pesquisa, um verdadeiro desafio.

A primeira investida sistemática realizou-se em 1964, sob a forma de um seminário de um mês organizado pela Universidade Federal do Paraná e financiado pela Fulbright Commision e CAPES, reunindo arqueólogos de diversas partes do Brasil. Durante êsse encontro, foram discutidos processos padronizados para análise e descrição de cerâmica, proposto um glossário de têrmos arqueológicos e revistas as condições da arqueologia brasileira quanto a problemas de pesquisas, bem como de facilidades institucionais e financiamento. Dessas discussões emergiu o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), o qual representa um esfôrço coordenado entre Pesquisadores e Professôres de 11 Universidades e Museus brasileiros sob o co-patrocínio do Conselho Nacional de Pesquisas e da Smithsonian Institution, com a colaboração do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O trabalho de campo teve início em fins de 1965, com planejamento para 5 anos, dos quais 3 já se escoaram.

O plano de pesquisa levou em consideração alguns fatôres. Primeiro, apesar de ser nosso objetivo final o conhecimento dos processos pelos quais os sucessivos grupos de imigrantes pré-europeus, com diferentes padrões de subsistência, adaptaram-se às diversas condições ecológicas do Brasil, fomos levamos a reconhecer que tais estudos não poderiam ser empreendidos sem o estabelecimento prévio de uma infra-estrutura cronológica fidedigna. Segundo, o pes-

soal qualificado era limitado. Terceiro, o trabalho de campo teria que ser concentrado, pelo menos no início, naqueles Estados onde residiam os arqueólogos, a saber: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Guanabara, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Norte. A possibilidade de um único arqueólogo para a bacia amazônica era, parcialmente, compensada pela maior quantidade de informação existente para essa parte do Brasil (p.e. Meggers & Evans, 1957; Hilbert, 1968).

Como o PRONAPA fôra planejado para cinco anos, a primeira tarefa consistiu em selecionar aquelas áreas nas quais a prospecção arqueológica intensiva produzisse os mais significantes resultados durante êsse período. Em cada Estado foram selecionadas 5 regiões, representando diferentes rêdes de drenagem e várias partes do Estado, devendo cada uma ser pesquisada intensivamente cada ano. Dentro dela, todos os sítios descobertos eram catalogados, mapeados e amostrados através coleções superficiais ou escavações estratigráficas. Na medida do possível foram obtidas amostras de carvão para fins de datação por C-14, amostras de solo para análise pedológica, além de fotos e notas suplementares descrevendo a localização do sítio em relação ao meio-ambiente. Sítios que podiam servir para pesquisas mais detalhadas, foram também anotados para o futuro.

Após cada estada de campo, procedia-se a classificação de todo material cultural coletado. Para o material pré-cerâmico, isto implicou na separação de grupos distintos de tipos de artefatos que, na maioria dos casos, se achavam correlacionados com diferenças no padrão de povoamento. Para as amostras de fragmentos de cerâmica a classificação seguiu o método de análise quantitativa, desenvolvido principalmente por Ford (1962), como medida preliminar para a construção de seqüências seriadas. Cada seqüência seriada representa uma fase arqueológica ou cultura, caracterizada por tipos específicos de artefatos líticos, padrões de povoamento e de sepultamento, bem como um complexo cerâmico distinto (1).

(1) — O têrmo "fase" foi adotado para designar complexos culturais arqueológicos, visto não conter implicações de natureza etnológica. Embora uma fase arqueológica signifique sem dúvida um grupo social interatuante, por outro lado não esclarece tratar-se de um bando, de uma tribo, de uma subtribo ou de qualquer outra espécie de unidade sócio-política. A ênfase dada à cerâmica não implica em crermos que seja esta mais importante que outros aspectos da cultura pré-histórica, simplesmente reflete o fato da cerâmica ser relativamente mais abundante e sujeita a mudanças mais rápidas que outros tipos de artefatos, tornando-a, por isso, particularmente útil para o estabelecimento de seqüências cronológicas relativas e para traçar difusão cultural.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17 18

Na maioria das regiões, a antiquidade relativa de diversas fases pré-cerâmicas e cerâmicas pôde ser estabelecida em função da mudança nos tipos de artefatos, superposição estratigráfica, ou ainda, evidências de comércio ou aculturação. Em diversos casos,

Fig. 1 — Limite entre a Bacia Amazônica e a Faixa Costeira em relação às regiões pesquisadas durante os 3 primeiros anos do *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*. Os números identificam os seguintes pesquisadores: 1-2, José Proenza Brochado; 3-5, Eurico Th. Miller; 6-8, Walter F. Piazza; 9, José Wilson Rauth; 10-12, Igor Chmyz; 13, Fernando Altenfelder Silva; 14, Silvia Maranca; 15-17, Ondemar Ferreira Dias Jr.; 18-21, Valentin Calderón; 22, Nássaro A. de Souza Nasser; 23, Mário F. Simões. Informação geográfica segundo ATLAS NACIONAL, IBGE: *A*, limite das regiões bioclimáticas de clima equatorial e clima tropical quente e sub-sêco; *B*, limite da Floresta Amazônica; *C*, limite da Grande Região Norte; *D*, uso da terra.

as seqüências relativas construídas por êsse processo tiveram confirmação através datação por C-14. Relatórios preliminares anuais vêm sendo publicados em Português, numa das séries científicas do Museu Paraense Emílio Goeldi (2).

Durante os três primeiros anos do PRONAPA, foram pesquisadas 22 regiões em 9 Estados, 8 dos quais pertencentes à Faixa Costeira e um à Bacia Amazônica (fig. 1). Mais de 1 000 sítios foram catalogados, cobrindo um período de tempo, pelo menos, de 5310 ± 100 a. C. (SI-440) à época pós-européia, representando diversos complexos pré-cerâmicos e 42 fases ceramistas. Somam-se, também, 3 sambaquis ou concheiros, escavados intensivamente em Paranaguá, no litoral do Paraná.

Decorrido mais da metade do PRONAPA, pareceu-nos oportuno rever todo o progresso realizado, tentando alinhamentos cronológicos entre as seqüências regionais que pudessem revelar problemas que seriam abordados nos dois anos restantes da pesquisa. Com essa finalidade foi realizado um seminário no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, de 14 a 29 de julho de 1968, e êste artigo é um dos resultados patentes das discussões do grupo. Para maior exatidão, a reconstrução cultural levou em consideração trabalhos de outros pesquisadores onde os mesmos podiam ser relacionados com aquêles realizados durante o PRONAPA.

* * *

A pré-história brasileira não pode ser entendida à parte das características do meio-ambiente. Há muito tempo tornou-se evidente que, com exceção da pintura policroma sôbre engôbo branco que ocorre em quase todo o país, os complexos cerâmicos da Bacia Amazônica são distintos daqueles da Faixa Costeira. Em têrmos gerais, essa divisão cultural tem correlações com os ambientes contrastantes com acentuadas diferenças em clima e vegetação. Apesar da Bacia Amazônica ser muito vasta para ser ecològicamente uniforme, há nesta um predomínio de planícies, inundações periódicas, temperaturas elevadas e vegetação exuberante. Flora e fauna para utilização do homem são semelhantes de um extremo a outro, e a agricultura defronta-se por tôda a área com os mesmos tipos de problemas. A Faixa Costeira é, geralmente, mais elevada e o clima

(2) —.Cf. Simões, *ed.*, 1967 e 1969.

varia de temperado com invernos frios e chuvas distribuídas durante todo o ano, ao sul, a tropical com estação chuvosa e maior pluviosidade, ao norte. No sul predomina a floresta, embora esta se contraia na orla costeira, ao norte, cedendo lugar a grandes extensões de "cerrados" e outros tipos de vegetação semi-árida de terrenos elevados. Embora varie de norte a sul em flora, fauna e potencial agrícola, a área, como um todo, contrasta fortemente com a Bacia Amazônica em clima, vegetação, fisiografia e utilização do solo (fig. 1). Êste contraste de ambiente criou uma barreira muito mais impenetrável, ao movimento de povos ou elementos culturais, que o impressionante obstáculo físico formado pela cordilheira andina. Conseqüentemente, a pré-história da Faixa Costeira deve ser considerada em separado daquela da Bacia Amazônica.

A FAIXA COSTEIRA

O período pré-cerâmico

Antes do PRONAPA iniciar seu trabalho, em 1965, a maioria das pesquisas realizadas no sul do Brasil referia-se ao período pré-cerâmico. A presença de concheiros ou sambaquis é a nota dominante ao longo de quase todo o litoral. Nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, não eram apenas numerosos antes de sua destruição por atividades comerciais recentes, mas também gigantescos. Sambaquis com mais de 27 m de altura são relatados e aquêles com menos de 10 m eram considerados "pequenos" (Emperaire & Laming, 1956 :36). Em compensação, excetuando-se alguns abrigos-sob-rocha em Minas Gerais, pouca atenção fôra dirigida para os sítios pré-cerâmicos do interior. Há mais de um século, restos de fauna do Pleistoceno, como o lôbo-da-caverna, gliptodonte e tigre dente-de-sabre, estimularam a escavação de cavernas na região de Lagoa Santa, resultando no achado de restos de esqueletos humanos. Embora a antiguidade do "Homem de Lagoa Santa" tenha sido durante muito tempo matéria de controvérsia, pesquisas recentes forneceram datações por C-14 que estabelecem a ocupação humana da região há mais de 9 000 anos (Hurt, 1964 :26).

Um projeto do PRONAPA devotou-se inteiramente à pesquisa dos sambaquis das imediações da baía de Paranaguá, no litoral do Paraná. Durante os três anos passados foram escavados os sambaquis de São João, Pôrto Maurício e Godo, e seus resultados podem

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

ser comparados com os de Macedo, Saquarema e Gomes, pesquisados anteriormente na mesma região. Uma série de datas por C-14 dêstes últimos sambaquis indica para os mesmos um período de tempo de 2937 ± 65 a. C. (P-915) a 1321 ± 48 a. C. (P-485). Há um predomínio de núcleos e utensílios lascados por percussão (talhadores, trituradores, picões, raspadores, facas), e são típicas grosseiras pontas-de-projétil de pedra com uma só aleta. Pontas de conchas e osso, pingentes de pedra polidos, contas de vértebra de peixe, machados de pedra polidos e semipolidos se fazem representar. Sepultamentos são freqüentemente encontrados. Os inventários culturais dos três sítios escavados são similares, divergindo, contudo, na ênfase das espécies malacológicas que compõem os refugos. Pela predominância de ostra (*Ostrea* sp.), os sambaquis do Godo, Pôrto Maurício e São João assemelham-se muito mais com o do Gomes e camadas inferiores do Saquarema, que com o do Macedo e camadas superiores do Saquarema, onde a espécie dominante é a *Anomalocardia brasiliana*. No sambaqui da Ilha dos Ratos, datado de A.D. 410 ± 150 (Sa-48), a espécie preponderante também é a *Anomalocardia brasiliana*. Em compensação, o sambaqui de Maratuá, no litoral de São Paulo, datado de 5853 ± 1300 a.C., é composto principalmente de *Modiolus brasiliensis* (Emperaire & Laming, 1956: 44, 92). Provàvelmente essas mudanças na dieta alimentar reflitam alterações no *habitat* dêsses moluscos, provocadas por levantamentos e abaixamentos do nível do mar durante milhares de anos passados. Todavia, a verificação desta hipótese requer estudo mais intensivo da região do que o realizado até o momento.

Nos sítios pré-cerâmicos do interior predominam também talhadores, trituradores, raspadores e facas talhados por percussão, e centenas dêstes sítios têm sido descobertos no Rio Grande do Sul (onde parecem ser mais comuns), Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Bahia. Um número de fases e complexos foi experimentalmente reconhecido, resultando na divisão dos mesmos em duas classes gerais. A maioria dos sítios — provàvelmente os mais antigos — produzem apenas pesados núcleos e utensílios talhados por percussão. Um complexo desta classe caracteriza-se por um biface bumerangóide, tipo de utensílio anteriormente identificado no complexo Altoparanaense da Província de Misiones, na Argentina (Bórmida, 1965 :10 e fig. 7). Uma data de C-14 do oeste de Santa Catarina registra para êsse complexo um mínimo de 5310 ± 100 a.C. (SI-440). O grupo mais recente de complexos

inclui pontas-de-flecha pedunculadas e apedunculadas, implementos de pedra polidos e bolas de pedra. Datações por C-14 de um abrigo-sob-rocha, no nordeste do Rio Grande do Sul, varia de 4 000 ± 190 (SI-234) a 2330 ± 180 a.C. (SI-233), enquanto um sítio aberto no leste da Santa Catarina foi datado em 1050 ± 120 a. C. (SI-441).

Se os sambaquis e os sítios pré-cerâmicos do interior foram produzidos pelos mesmos grupos humanos que se alternavam entre a caça e coleta no interior e a moradia no litoral, ou se êles repre-

Fig. 2 — Distribuição das tradições ceramistas regionais na Faixa Costeira e localização de suas respectivas fases. Casas-subterrâneas ocorrem através da área hachurada.

sentam adaptações independentes a diferentes tipos de fontes de subsistência, isto não está ainda devidamente esclarecido. A maior parte dos artefatos de ambos os sítios compõe-se de núcleos e utensílios lascados por percussão, com pouca atenção no acabamento, exceto no gume. Condições diferenciais de preservação complicam o reconhecimento de outras semelhanças, como, por exemplo, pontas-de-projétil de osso que sobrevivem nos abrigos-sob-rocha e sambaquis, mas desaparecem comumente em outras espécies de sítios. Se os sambaquis e os sítios interioranos representam ocupações de inverno e verão pelo mesmo grupo cultural, é provàvel que as diferenças nos artefatos tenham uma explicação funcional ou reflitam diferentes matérias-primas disponíveis, que pròpriamente diferenças na tradição cultural. Quando a grande quantidade de artefatos dos sítios pré-cerâmicos pesquisados durante o PRONAPA fôr mais cuidadosamente analisada e classificada, então poderá ser possível avaliar mais adequadamente alguns dêsses fatôres.

O período cerâmico

O reconhecimento de diferenças expressivas entre os complexos cerâmicos foi mais satisfatório, em parte por não ser a preservação diferencial fator principal e, por outra, por terem sido nossas primeiras atenções dirigidas para o período cerâmico. Antes do PRONAPA, a maioria dos sítios conhecidos era atribuída aos Tupí ou Guaraní, os habitantes históricos do litoral brasileiro. Agora, já é possível identificar algumas tradições regionais não Tupiguarani, como também subdividir a tradição Tupiguarani em três variantes cronológicas (3). Cada tradição ou subtradição é representada por diversas fases arqueológicas (de 2 a 13), tôdas definidas por padrão de povoamento, seqüências seriadas de cerâmica, artefatos de pedra e outras evidências culturais, e, em alguns casos, também por padrão de sepultamento.

AS TRADIÇÕES REGIONAIS

Sete tradições regionais ceramistas de filiação não Tupiguaraní foram identificadas, e a informação preliminar de áreas ainda

(3) — Após a consideração de possíveis alternativas, não obstante suas conotações lingüísticas, foi decidido rotular como "Tupiguarani" (escrito numa só palavra) esta tradição ceramista tardia amplamente difundida, considerando já ter sido o têrmo consagrado pela bibliografia e também a informação etno-histórica estabelecer correlação entre as evidências arqueológicas e os falantes de línguas Tupi e Guarani, ao longo de quase todo litoral brasileiro.

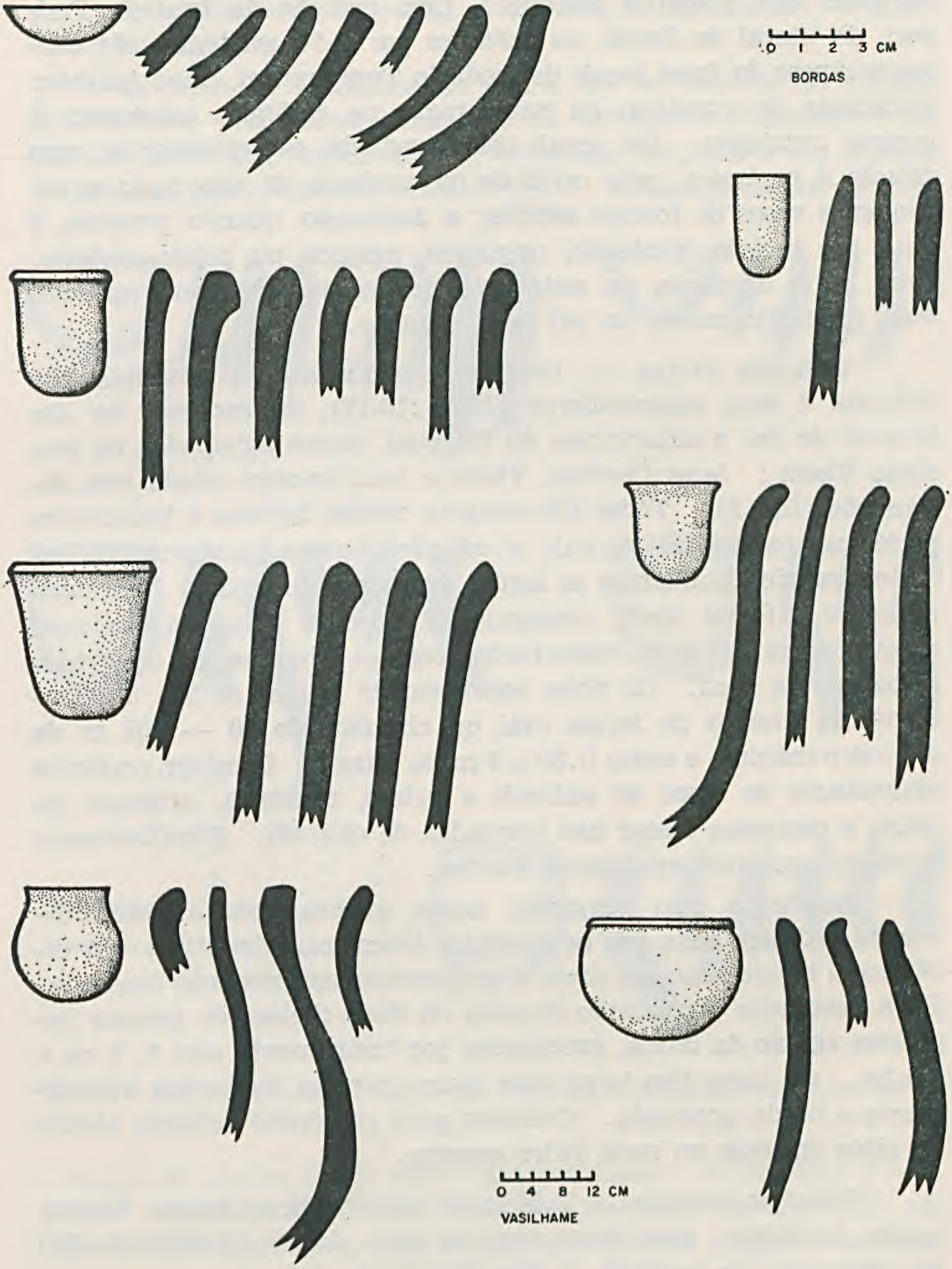


Fig. 3 — Perfis característicos das bordas e formas dos vasos da tradição Taquara.

não incluídas na pesquisa indica que êste número poderá ser aumentado com trabalho posterior. Com exceção da tradição Periperi, do litoral da Bahia, as datações por C-14 existentes são contemporâneas às fases locais de tradição Tupiguarani, como também evidências de comércio ou aculturação na cerâmica conduzem à mesma conclusão. Em geral, essas tradições caracterizam-se, com relação à cerâmica, pela raridade ou ausência de decoração e por pequenos vasos de formas simples; a decoração, quando presente, é feita por incisão, ponteado, ungulado, pinçado ou polido-estriado. Uma breve descrição de cada uma destas tradições será apresentada geogràficamente do sul para o norte.

TRADIÇÃO VIEIRA — Três fases arqueológicas descritas por Schmitz e seus colaboradores (1967 :10-17), do sudoeste do Rio Grande do Sul e adjacências do Uruguai, foram agrupadas na tradição Vieira : fases Cerritos, Vieira e uma terceira ainda sem designação (fig. 2). Tôdas três ocupam regiões sujeitas a inundações periódicas extensivas durante a estação chuvosa, enquanto na estação sêca são abundantes as lagoas, banhados e arroios. Nenhuma data por C-14 foi ainda conseguida e Schmitz tenta correlacionar as evidências culturais encontradas com os Charrua, os ocupantes históricos da área. Os sítios consistem de grupos de 2 a 8 (raramente 1) aterros de forma oval ou circular, de 20 — 100 m de diâmetro máximo e entre 0.30 e 3 m de altura. O refugo continha abundância de ossos de animais e peixes, cerâmica, artefatos de pedra e pequenas lascas não retocadas de quartzo. Sepultamentos primários ocorrem em alguns aterros.

Machados com garganta, bolas, quebra-cocos e pontas-de-flecha pedunculadas, são os artefatos líticos característicos. A cerâmica é temperada com areia e, predominantemente, não decorada. Rara decoração consistindo de uma ou duas fileiras de marcas impressas abaixo da borda, executadas por instrumento com 2, 3 ou 4 dentes. Os vasos têm larga base plana, paredes inclinadas internamente e borda apontada. Orifícios para suspensão ocorrem abaixo do lábio em dois ou mais lados opostos.

TRADIÇÃO TAQUARA — Três fases arqueológicas foram filiadas a esta tradição : fase Taquaruçu, no oeste do Rio Grande do Sul; fase Taquara, no nordeste do Rio Grande do Sul; e fase Xaxim, no sudoeste de Santa Catarina (fig. 2). Os sítios-habitações são pequenos e o refugo de cacos é tão esparso que poucas coleções con-

têm mais de uma dezena de cacos. Duas datas por C-14, obtidas para a fase Taquara, indicaram A.D. 570 ± 110 (SI-414) e A.D. 760 ± 100 (SI-409).

Os tipos de utensílios de pedra são os mesmos do período pré-cerâmico precedente, acrescidos de talhadores unifaciais e bifaciais, lascas com sinais de uso, batedores, raspadores em núcleos e lascas e, possìvelmente, mãos-de-pilão. Pontas-de-flecha de osso

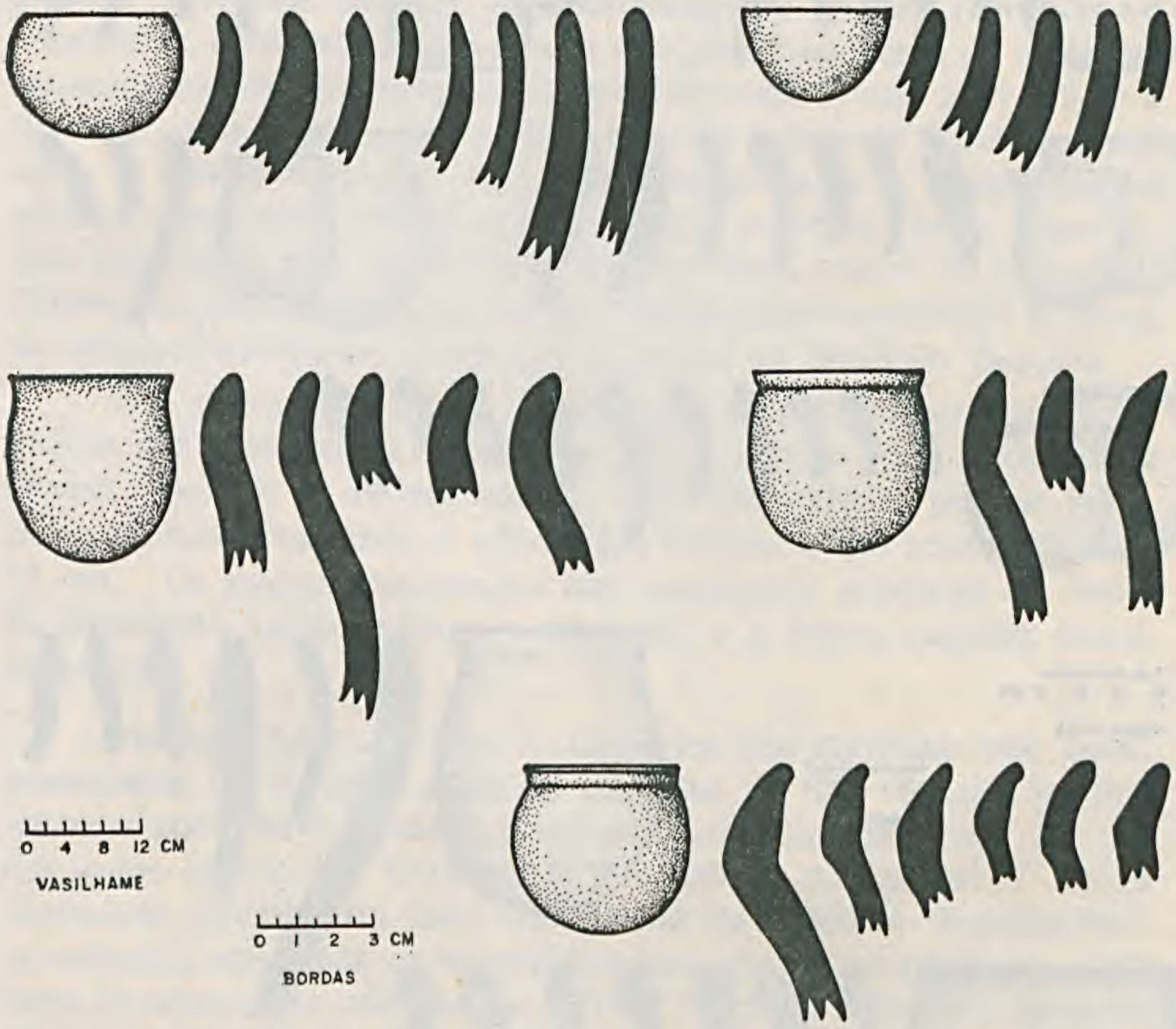


Fig. 4 — Perfis característicos das bordas e formas reconstruídas dos vasos da tradição Casa de Pedra.

e contas de concha são também características. A cerâmica é temperada com areia fina e as superfícies são bem alisadas e de côr marrom-escuro a médio. As técnicas decorativas diagnósticas compreendem : ponteado, ungulado (numa variedade de combinações), pinçado e inciso, às vêzes, cobrindo tôda superfície exterior (est. 1). Os vasos são pequenos (altura máxima 35 cm) e de paredes del-

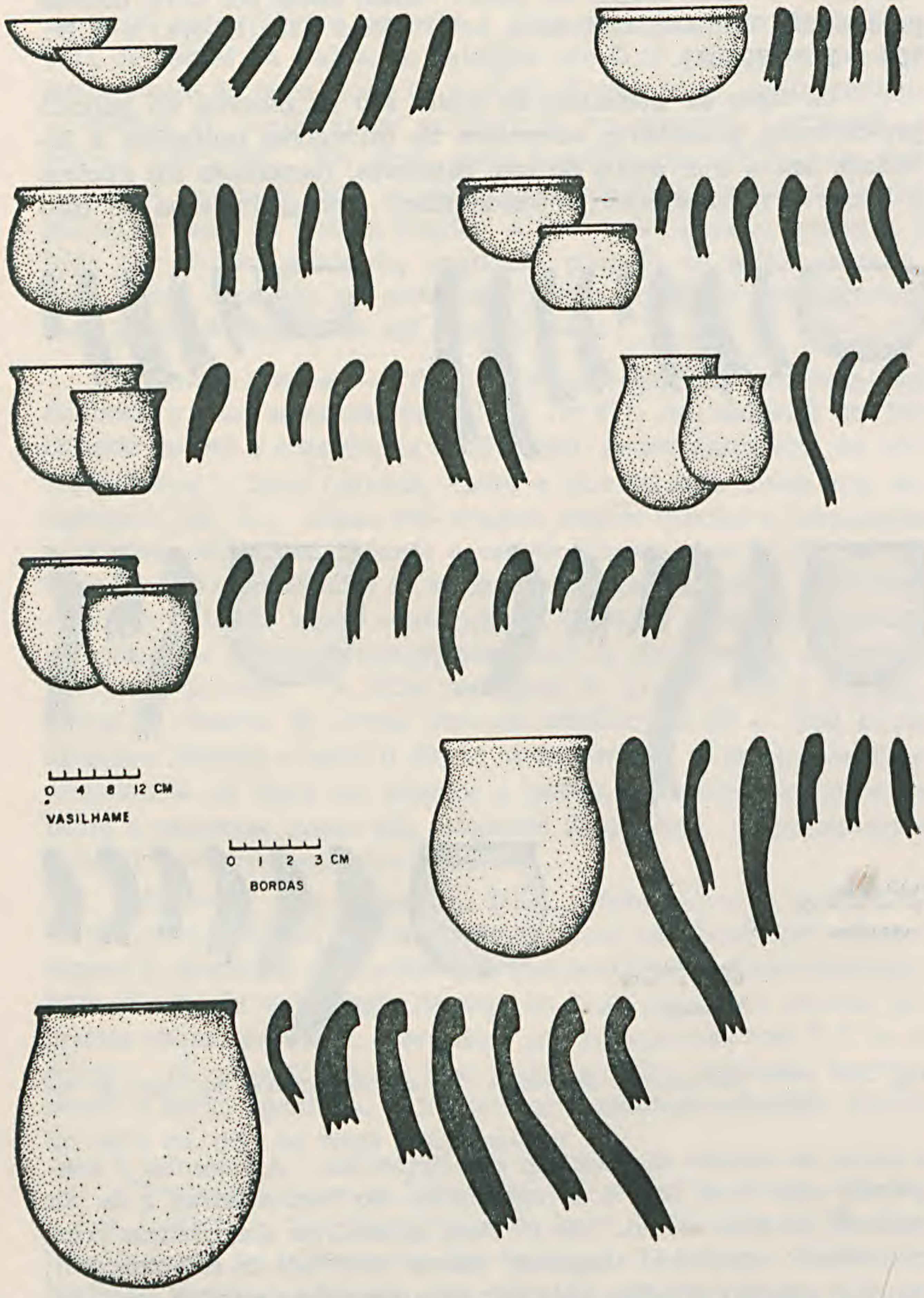


Fig. 5 — Perfis característicos das bordas e formas reconstruídas dos vasos da tradição Itararé.

gadas. São típicos as tigelas rasas e jarros cilíndricos fundos, com base arredondada ou ligeiramente aplanada. As bordas reforçadas externamente são típicas, com lábio apontado (fig. 3).

Cerâmica da tradição Taquara foi também encontrada em casas-subterrâneas que ocorrem às centenas sôbre o planalto, estendendo-se desde o norte do Rio Grande do Sul até o sul do Paraná (fig. 2). Pesquisas preliminares indicam que as casas-subterrâneas variam de 1 a 13 m de diâmetro e entre 2.8 e 5.0 m de profundidade. Ocorrem isoladas ou distribuídas em grupos regulares ou irregulares, contendo alguns dêsses agrupamentos cêrca de 36 casas-subterrâneas de diferentes tamanhos (Schmitz et alii, 1967 : 2-10 e fig. 2-4). Sua área de distribuição coincide com a da *Mata da Araucária* e foram ocupadas, evidentemente, durante a época que os pinhões eram mais abundantes. Apenas algumas destas casas foram escavadas, não se encontrando em tôdas restos de cerâmica. Conseqüentemente, não está ainda devidamente esclarecido se tôdas as casas-subterrâneas devem ser incluídas na tradição Taquara.

Nos cumes das colinas do planalto, dentro da área de distribuição das casas-subterrâneas, ocorrem pequenos aterros de pouca altura. Grupos de aterros são por vêzes circundados por um baixo muro de terra, variando a altura dos aterros e dos muros de 40 a 50 cm. Os poucos examinados não mostraram artefatos ou restos de esqueletos, muito embora o tamanho e a forma sugiram sepultamentos.

TRADIÇÃO CASA DE PEDRA — Cerâmica não decorada vem sendo encontrada em diversos sítios do nordeste do Rio Grande do Sul, centro e sudoeste do Paraná e sul de Santa Catarina (fig. 2), um dos quais datado por C-14 em A.D. 1150 ± 50 (SI-141). Cacos intrusivos ocorrem na fase Umuarama de tradição Tupiguarani. A cerâmica apresenta as superfícies bem alisadas e polidas e a côr varia de amarelada, marrom ou preta. A forma típica é de grandes tigelas arredondadas, com paredes delgadas e base espêssa. Os lábios são biselados pela face externa (fig. 4).

TRADIÇÃO ITARARÉ — As fases Itararé e Açangüi, no leste do Paraná, foram incluídas nesta tradição e dois sítios no litoral norte de Santa Catarina representam provàvelmente uma terceira fase desta tradição (fig. 2). A intrusão de cacos desta tradição em sítios das fases Cambará, Condor, Guajuvira, Imbituva, Tamboara e Caloré indica sua contemporaneidade com a tradição Tupiguarani, inferên-

cia esta também apoiada por uma data de C-14 de A.D. 1070 ± 100 (M-1202), de um dos sítios de Santa Catarina.

Os sítios-habitações são pequenos, variando de 15 x 20 a 25 x 30m, e o refugo raramente atinge a profundidade de 30 cm. Padrões de sepultamentos são desconhecidos. Com exceção de pequenos núcleos e lascas sem retoque, nenhum artefato de pedra foi encontrado. A cerâmica, embora não seja polida, é bem alisada, de côr marrom-avermelhado a cinza escuro, e temperada com areia fina e quartzo moído. A única técnica decorativa é um fino engôbo vermelho que ocorre em menos de 8% dos cacos. Os recipientes são pequenos (diâmetro na borda menor que 12 cm), compreendendo tigelas arredondadas ou jarros de bôca ampliada, com base arredondada, plana ou côncava (fig. 5).

TRADIÇÃO UNA — É esta tradição ceramista representada por duas fases arqueológicas no Estado do Rio de Janeiro. A fase Mucuri não possui datação, porém uma data de C-14 de A.D. 890 ± 90 (SI-436) foi conseguida para a fase Una. Cerâmica semelhante é relatada no vale do Jacu, no Estado do Espírito Santo (fig. 2). A ocorrência esporádica de cacos com decoração pintada ou corrugada implica contato desta tradição com grupos próximos de tradição Tupiguarani.

Os sítios-habitações variam de 50 m de diâmetro a 30 x 100 m, com refugo estendendo-se a uma profundidade de 40 a 140 cm. Abrigos-sob-rocha foram ocupados pela fase Mucuri e também utilizados para deposição de urnas funerárias. Alternadamente, as urnas eram enterradas no sítio-habitação, acompanhadas de contas de osso e pequenos vasos de cerâmica. Os artefatos de pedra incluem bifaces polidos e trituradores.

A cerâmica é temperada com areia e a decoração limita-se a pequenas ocorrências de incisões e estrias polidas. Tigelas arredondadas e jarros com borda direta ou ligeiramente extrovertida, são as formas predominantes (fig. 6).

TRADIÇÃO PERIPERI — Numerosos sambaquis do litoral da Bahia contêm cerâmica da tradição Periperi. O único sítio escavado é o sambaqui da Pedra Ôca (Calderón, 1964), no lado leste da baía de Todos os Santos (fig. 2), que forneceu uma data de C-14 de 880 ± 130 a. C. (SI-470). O depósito é composto de *Ostrea* sp., *Anomalocardia brasiliana*, cinza e areia. Buracos de estacas foram observados, implicando na construção de abrigos.

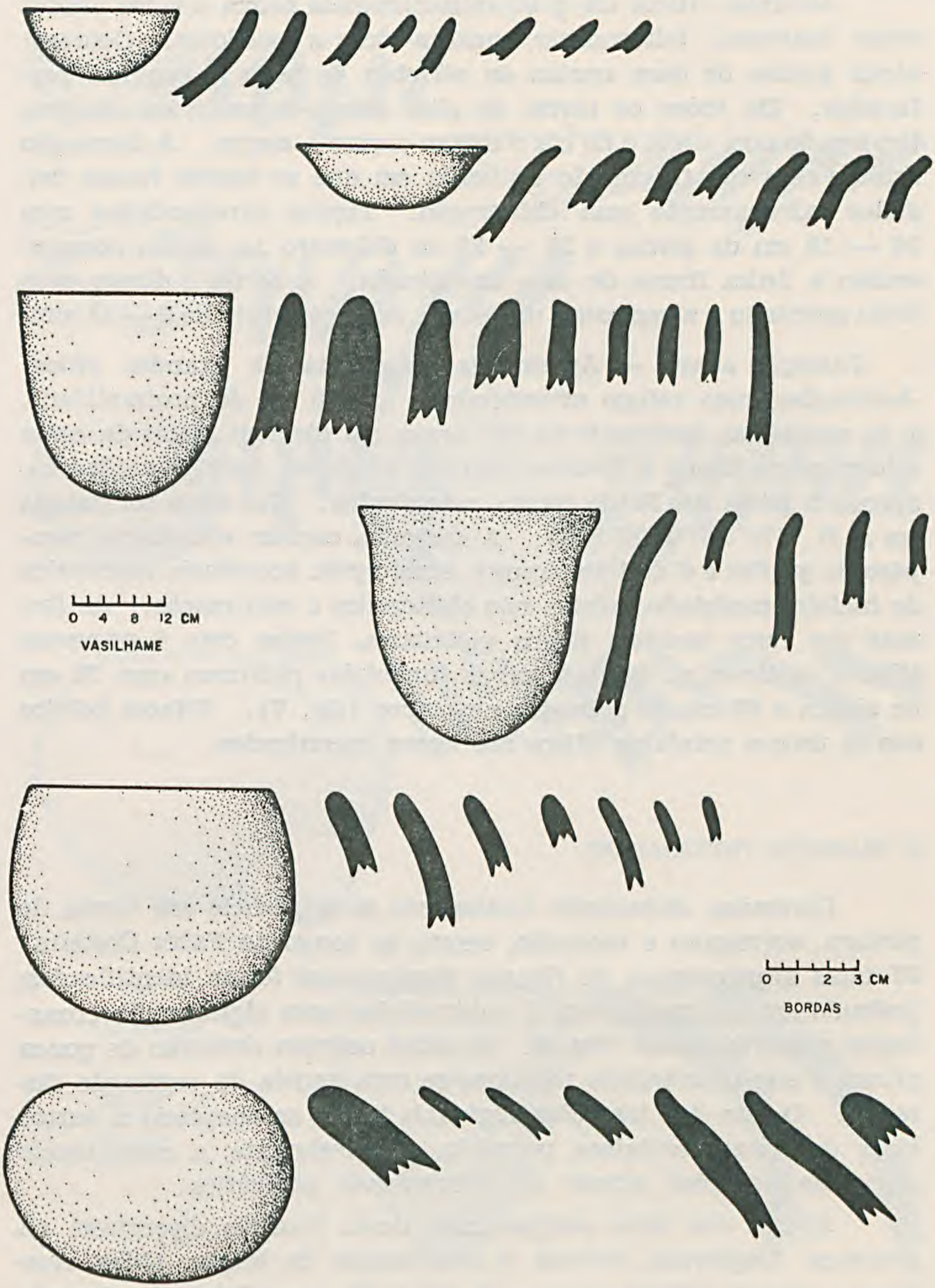


Fig. 6 — Perfis característicos das bordas e formas reconstruídas dos vasos da tradição Una.

Artefatos líticos são predominantemente seixos rolados usados como martelos, trituradores, quebra-côcos e moedores. Ocorrem ainda pontas de osso, contas de vértebra de peixe e conchas perfuradas. De todos os níveis do sítio obteve-se cerâmica simples, temperada com areia e de côr marrom-escuro a negro. A decoração limitou-se a um fragmento de borda em que os roletes foram deixados externamente sem obliteração. Tigelas arredondadas com 16 — 18 cm de altura e 23 — 28 de diâmetro na borda, compreendem a única forma de vaso encontrada. A borda é direta, com lábio apontado e a espessura da parede do corpo varia de 8 — 12 mm.

Tradição Aratu — Apesar da existência de grandes sítios-habitações, com refugo estendendo-se até 90 cm de profundidade, e de cemitérios com mais de 100 urnas em diversos locais da costa e interior da Bahia e Estados vizinhos de Goiás, Sergipe e Alagoas, apenas 3 sítios na Bahia foram pesquisados. Um dêles foi datado em A.D. 870 ± 90 (SI-542). A cerâmica contém abundante tempêro de grafite e é de tipo simples, exceto pela ocorrência esporádica de incisão, modelado, roletes não obliterados e corrugação. As formas dos vasos incluem jarros globulares, tigelas com 4 pequenos lóbulos verticais na borda e urnas funerárias pirifomes com 75 cm de altura e 60 cm de diâmetro no ombro (fig. 7). Bifaces polidos são os únicos artefatos líticos até agora encontrados.

A TRADIÇÃO TUPIGUARANI

Cerâmica, destacando tratamento de superfície sob forma de pintura, corrugado e escovado, ocorre ao longo da Faixa Costeira. 27 fases arqueológicas de filiação Tupiguarani foram identificadas, podendo ser agrupadas em 3 subtradições com significação cronológica e distribucional (fig. 8). Os sítios ocupam elevações de pouca altura e sua distribuição relaciona-se com aquela de vegetação florestal. O fato das tradições regionais terem se adaptado a outros tipos de zonas ecológicas permitiu, provàvelmente, a coexistência das duas tradições, apesar da proximidade geográfica.

Apesar das fases componentes desta tradição divergirem na presença, freqüência relativa e combinação de traços, tôdas mostram a mesma cultura geral. Os sítios são superficiais, implicando em curta permanência da aldeia, e sepultamento secundário em urnas foi praticado no próprio sítio-habitação ou em sua proximi-

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17 18

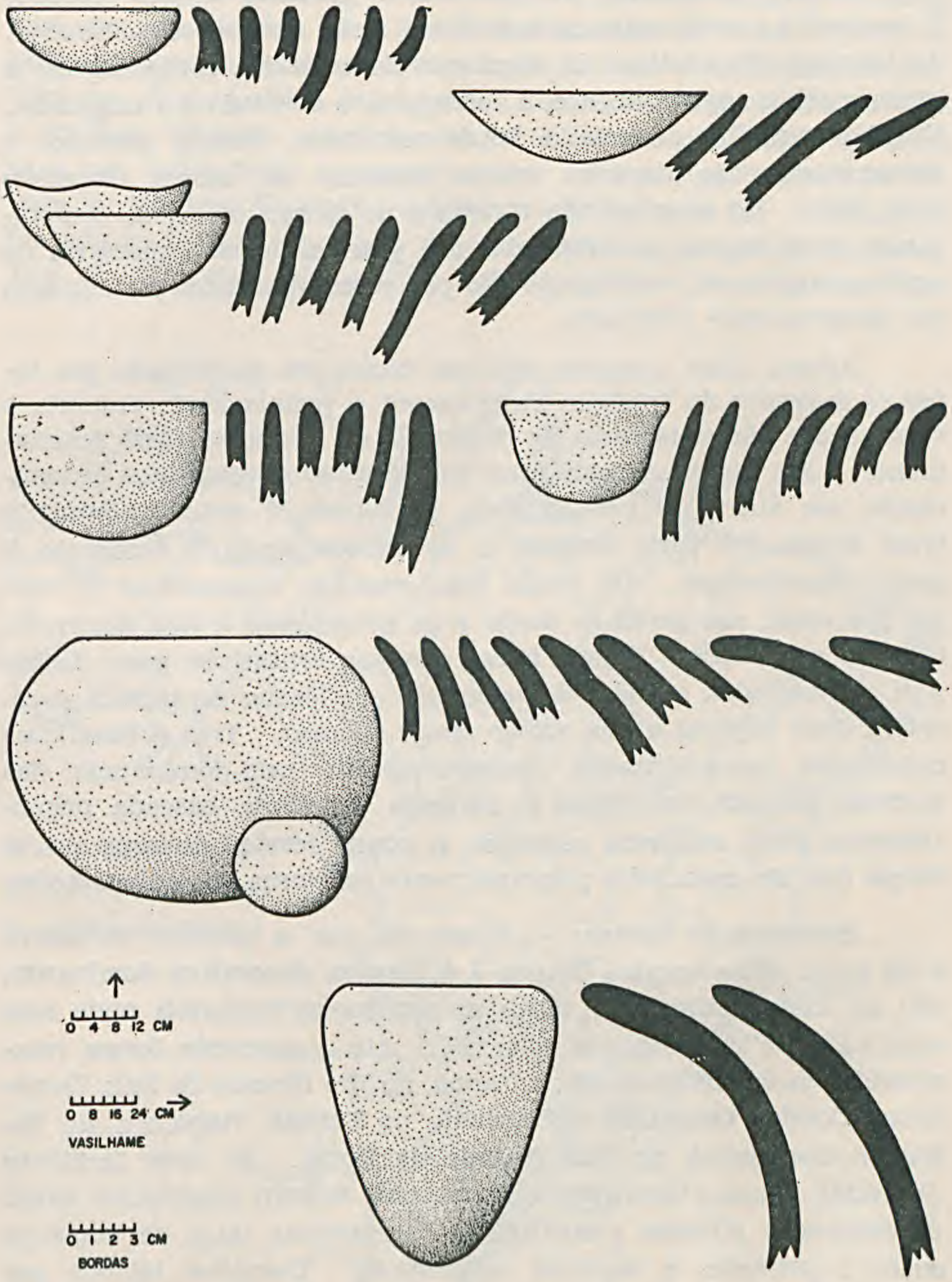


Fig. 7 — Perfis característicos das bordas e formas reconstruídas dos vasos da tradição Aratu.

dade. Artefatos líticos, de ocorrência quase universal, compreendem lascas, talhadores, abrasadores e grandes bifaces polidos. O tembetá é o ornamento característico e são comuns os cachimbos. As técnicas diagnósticas de decoração da cerâmica compreendem a pintura sôbre engôbo branco, o corrugado, o escovado e o ungulado. Engôbo vermelho, acanalado, borda entalhada, incisão, ponteado e serrungulado são também outras técnicas de ampla dispersão (est. 2-3). Há uma grande variedade de fôrmas de vasos, comportando desde tigelas arredondadas até grandes urnas funerárias de ombros angulares. As tigelas são por vêzes quadradas ou elípticas que pròpriamente circulares.

Apesar dêste complexo cultural básico ser participado por todos os membros da tradição Tupiguarani, a popularidade absoluta e relativa das várias técnicas de decoração da cerâmica varia notadamente. Em algumas fases uma das técnicas diagnósticas é dominante; em outras, a popularidade combinada é aproximadamente igual àquela dos tipos simples; e, em outras ainda, a decoração é pouco representada. Há ainda uma variação considerável na forma dos vasos, nos perfis de borda e na abundância e tipo de artefatos não cerâmicos. Foram feitas diversas tentativas para distinguir subtradições, sendo a da separação em têrmos da técnica decorativa mais popular a que obteve maior sucesso. Três subtradições resultaram, caracterizadas, respectivamente pela dominância das técnicas pintada, corrugada e escovada. Embora baseada primàriamente sôbre evidência cerâmica, o exame revelou diversos outros traços que são associados principalmente com uma das subtradições.

Subtradição pintada — Fases em que a pintura vermelha e/ou preta sôbre engôbo branco é a técnica decorativa dominante, são as mais antigas em tôdas as seqüências regionais onde esta subtradição é representada (fig. 9). Até o momento foram reconhecidas as seguintes fases : Irapuã, no Rio Grande do Sul; Umuarama, Condor, Guajuvira e Cambará, no Paraná; Itapicuru, na Bahia; e Curimataú, no Rio Grande do Norte. As fases Imbituva (Paraná), Ipuca e Guaratiba (Guanabara) exibem freqüências iguais de decoração pintada e corrugada, tornando-as fases de transição entre a primeira e segunda subtradição. Datações iniciais por C-14 indicam A.D. 570 ± 150 (Gsy-81) para a fase Umuarama, A.D. 980 ± 100 (SI-433) para a fase Guaratiba e A.D. 1270 ± 130 para a fase Itapicuru, sugerindo difusão do sul para o norte.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17 18

Quando são comparadas as técnicas decorativas da cerâmica com aquelas diagnósticas da tradição Taquara, torna-se evidente que, com exceção das fases localizadas mais ao sul e mais ao norte, tôdas as fases incluídas na subtradição Pintada são híbridas no sentido que cêrca de 50% das técnicas decorativas são repartidos com a tradição Taquara. O fato de que a mais antiga data existente para esta subtradição é a mesma que a mais antiga também obtida para a tradição Taquara, e que a concentração da subtradição Pintada no Paraná é contígua à área ocupada pela tradição Taquara (fig. 2 e 8), tudo isso parece sugerir aculturação. Embora esta

Fig. 8 — Localização das fases componentes das subtradições Pintada, Corrugada e Escovada, da tradição cerâmica Tupiguarani.

inferência requeira maiores exames, a possibilidade de aculturação deverá ser levada em consideração como uma tentativa para traçar a origem da tradição Tupiguarani.

Entre as formas dos vasos, é o assador ou grelha mais comum que nas outras subtradições. Com poucas exceções, os sítios-habitações estão compreendidos entre 10 e 30 m de diâmetro.

SUBTRADIÇÃO CORRUGADA — Em tôdas as seqüências regionais, as fases enfatizando o corrugado seguem aquelas dominadas por pintura e precedem as caracterizadas por escovado (fig. 9). A subtradição Corrugada é, até o momento, representada por 13 fases : Vacacaí, Toropi, Ijuí, Induá, Icamaquã, Comandaí e Maquiné, no Rio Grande do Sul; Mondaí, em Santa Catarina; Tamboara, no Paraná; Itaocara e Sernambitiba, no Rio de Janeiro; e Cabrobó e Coribe, na Bahia (fig. 4). As fases Paranhana (Rio Grande do Sul) e Itabapoana (Rio de Janeiro) são de transição entre as subtradições Corrugada e Escovada. A fase Maquiné foi datada por C-14 em A.D. 880 ± 110 (SI-413), a fase Mondaí em A.D. 1180 ± 100 (SI-439) e a fase Sernambitiba em A.D. 1380 ± 100 (SI-438), sugerindo que a subtradição desenvolveu-se no Rio Grande do Sul e se difundiu em direção norte. Cêrca de metade das fases desta subtradição exibe forte influência da tradição Taquara, enquanto no restante predominam as técnicas decorativas Tupiguarani. Apesar de fazer-se presente do Rio Grande do Sul até a Bahia, esta subtradição é muito difundida no sul, onde inclui 8 das 10 fases Tupiguarani conhecidas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Entre os artefatos líticos, são característicos os quebra-côcos, batedores, mãos-de-pilão, pequenos bifaces polidos (comp. 5 — 10 cm) e pingentes trianguloides polidos. Não obstante haver um predomínio de sítios com menos de 50 m de diâmetro, aquêles com mais de 100 m são mais freqüentes que na subtradição Pintada.

SUBTRADIÇÃO ESCOVADA — Fases Tupiguarani, em que o escovado é o tratamento de superfície mais popular, são as mais recentes nas cronologias regionais (fig. 9), podendo a substituição do corrugado pelo escovado ser observada em diversas seqüências seriadas. Exemplo disso são as fases Tibagi e Caloré, no Paraná, contendo artefatos de origem européia. A fase Missões, associada com as missões espanholas do oeste do Rio Grande do Sul, é uma transição entre as tradições Tupiguarani e Neo-brasileira.

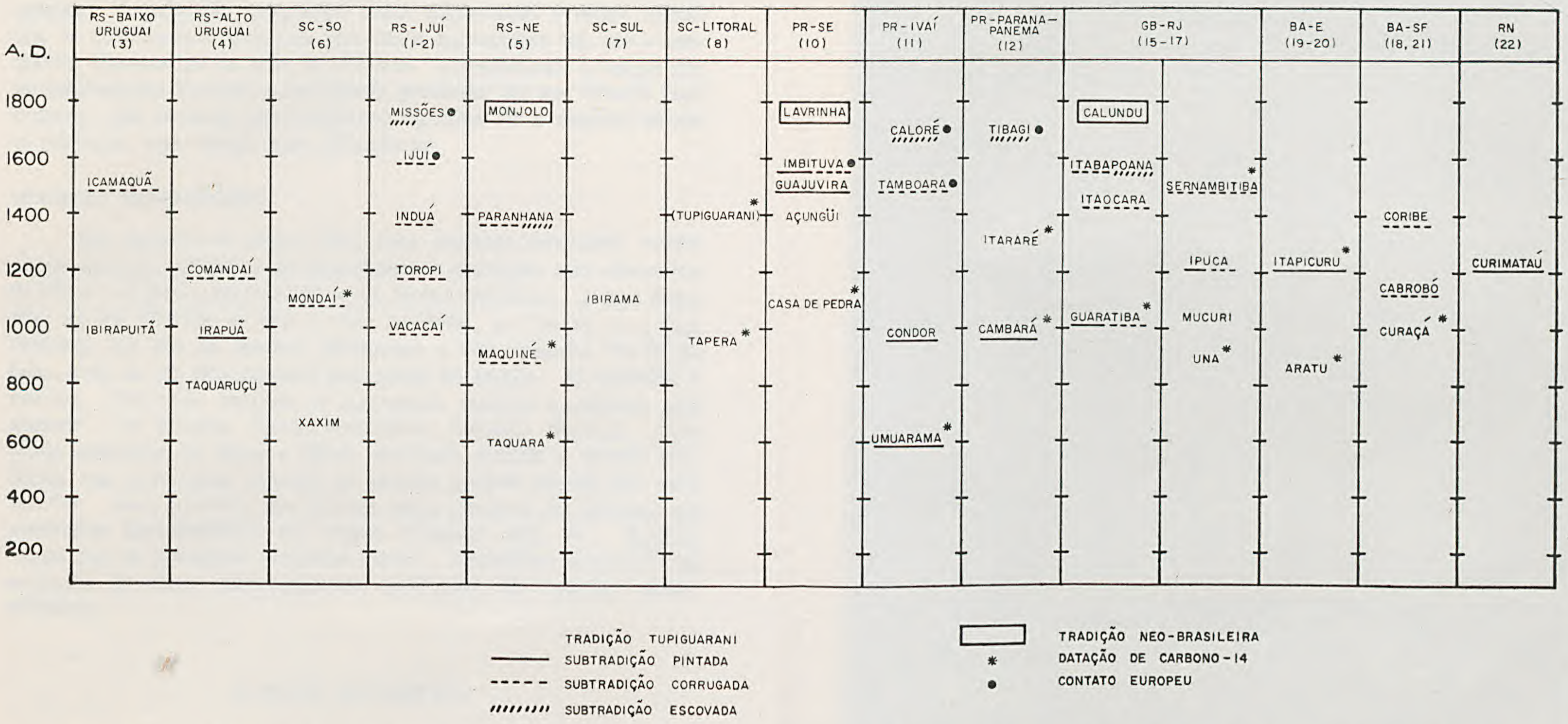


Fig. 9 — Correlação cronológica das fases ceramistas reconhecidas na Faixa Costeira. Os números no alto de cada coluna referem-se às áreas indicadas na fig. 1. O alinhamento está baseado em seriação, comércio de cerâmica, datação por C-14 e informação histórica. Nenhum esfôrço foi tentado para indicar a duração das fases individuais, muitas das quais, provàvelmente, com várias centenas de anos.

A subtradição Escovada representa o final da cultura aborígene, antes da influência européia afetar a forma e a decoração das cerâmicas indígenas. Contudo, o contato europeu reflete-se na redução da freqüência e na variedade dos artefatos líticos, sendo ausentes os furadores, mãos-de-pilão, alisadores de meia-cana e bifaces polidos. A extensão geográfica desta subtradição é muito menor que as anteriores e nenhuma fase desta subtradição foi, até o momento, reconhecida ao norte do Paraná. Considerando o tempo que as subtradições Pintada e Corrugada gastaram em sua difusão para o norte, esta ausência provàvelmente significa ser a mesma recente e, portanto, sem tempo para difundir-se.

TRADIÇÃO NEO-BRASILEIRA

Em meados do século XVI, uma tradição ceramista, combinando técnicas indígenas de manufatura e decoração com elementos de forma europeus, desenvolveu-se no litoral brasileiro. A fase Monjolo, no Rio Grande do Sul; a fase Lavrinha, no Paraná; e a fase Calundu, no Rio de Janeiro, pertencem a esta tradição Neo-brasileira, além de ter sido também informada na Bahia. O escovado é comum, ocorrendo também o corrugado, embora a pintura seja ausente. As técnicas típicas decorativas incluem digitado sôbre frizos aplicados ou sôbre o lábio, ponteado zonado e incisão profunda nas superfícies alisadas ou através grossos roletes não obliterados. Asas curvadas nos ombros, bases planas e em pedestal são elementos característicos de origem européia (est. 4). Quebra-côcos são os principais artefatos líticos. Cachimbos angulares de cerâmica, às vêzes elaboradamente esculpidos, são também característicos.

A BACIA AMAZÔNICA

O período pré-cerâmico

Nenhum grupo pré-cerâmico foi ainda reconhecido na Bacia Amazônica e alguns fatôres podem ser apontados para explicar tal situação: um, é a densa vegetação que torna difícil a localização dos sítios; outro, a escassez de pedra, implicando em ser a maioria dos artefatos confeccionada de materiais perecíveis, não sobrevivendo arqueològicamente; outro, ainda, a falta de pesquisas intensivas.

Portanto, quanto à possibilidade da Floresta Tropical ter sido evitada por antigos grupos de caçadores e coletores, é um assunto que não estamos no momento atual em condições de negar ou confirmar.

O período cerâmico

A manufatura da cerâmica parece ter sido introduzida na Bacia Amazônica, aproximadamente, ao mesmo tempo em que esta também aparece nos sambaquis do litoral da Bahia. A mais antiga data por C-14, obtida para a fase Ananatuba, na ilha de Marajó, aponta a introdução da cerâmica na foz do Amazonas em 980 ± 200 a.C. (SI-385). A partir de então, evolução local e influências de complexos cerâmicos notadamente diferentes e originários da Venezuela, Colômbia, Equador e Peru resultaram no aparecimento de um mosaico de culturas regionais.

Há alguns anos foi tentada uma padronização nesta variação aparentemente desordenada, utilizando o mesmo método de tabulação de traços aplicado para agrupar as fases arqueológicas do litoral em classes gerais. Ainda que numerosos complexos cerâmicos escapassem à classificação, quer por seu conteúdo inédito, quer por sua natureza híbrida, foram reconhecidos 4 Estilos-Horizontes caracterizados pela reunião de elementos distintos na decoração da cerâmica, correspondendo, de modo geral, a uma seqüência cronológica (Meggers & Evans, 1961). Um dos objetivos do PRONAPA na área amazônica é examinar a validade dessa classificação e aclarar a distribuição geográfica dos vários estilos ou tradições. Uma descrição ligeira servirá como base para a comparação da pré-história da Amazônia com aquela da Faixa Costeira.

TRADIÇÃO HACHURADA ZONADA — A mais antiga tradição cerâmica foi identificada em apenas duas localidades (fig. 10) : uma na margem do rio Amazonas, à montante de Alenquer (Hilbert, 1959); e outra na ilha de Marajó (Meggers & Evans, 1957 :174-94). A decoração principal, além do engôbo vermelho e do escovado, é feita por largas linhas incisas, quer isoladas ou definindo zonas de fino hachurado (est. 5). Recentemente foi assinalado (Evans & Meggers, 1968 :88-92), que êste complexo partilha muitos traços com antigos complexos formativos da área norte-andina, e uma data por C-14 de 980 ± 200 a.C. (SI-385) coloca-o, cronològicamente, dentro do Período Formativo (Simões, 1969).

Os sítios-habitações são pequenos, embora os depósitos de refugo da fase Ananatuba sejam mais espessos que aquêles de datas

SciELO

mais recentes, implicando numa permanência mais prolongada num local que aquela que tem sido caracterizada para a maioria dos grupos subseqüentes amazônicos. Cachimbos tubulares de cerâmica são também associados.

TRADIÇÃO BORDA INCISA — Um número de complexos cerâmicos descritos ao longo do Amazosas e alto rio Orinoco enfatizam motivos incisos sôbre as largas bordas horizontais das tigelas (fig. 10). Na ilha de Marajó, a fase Mangueiras, representando essa tradição, chegou à ilha durante a parte mais tardia da ocupação Ananatuba.

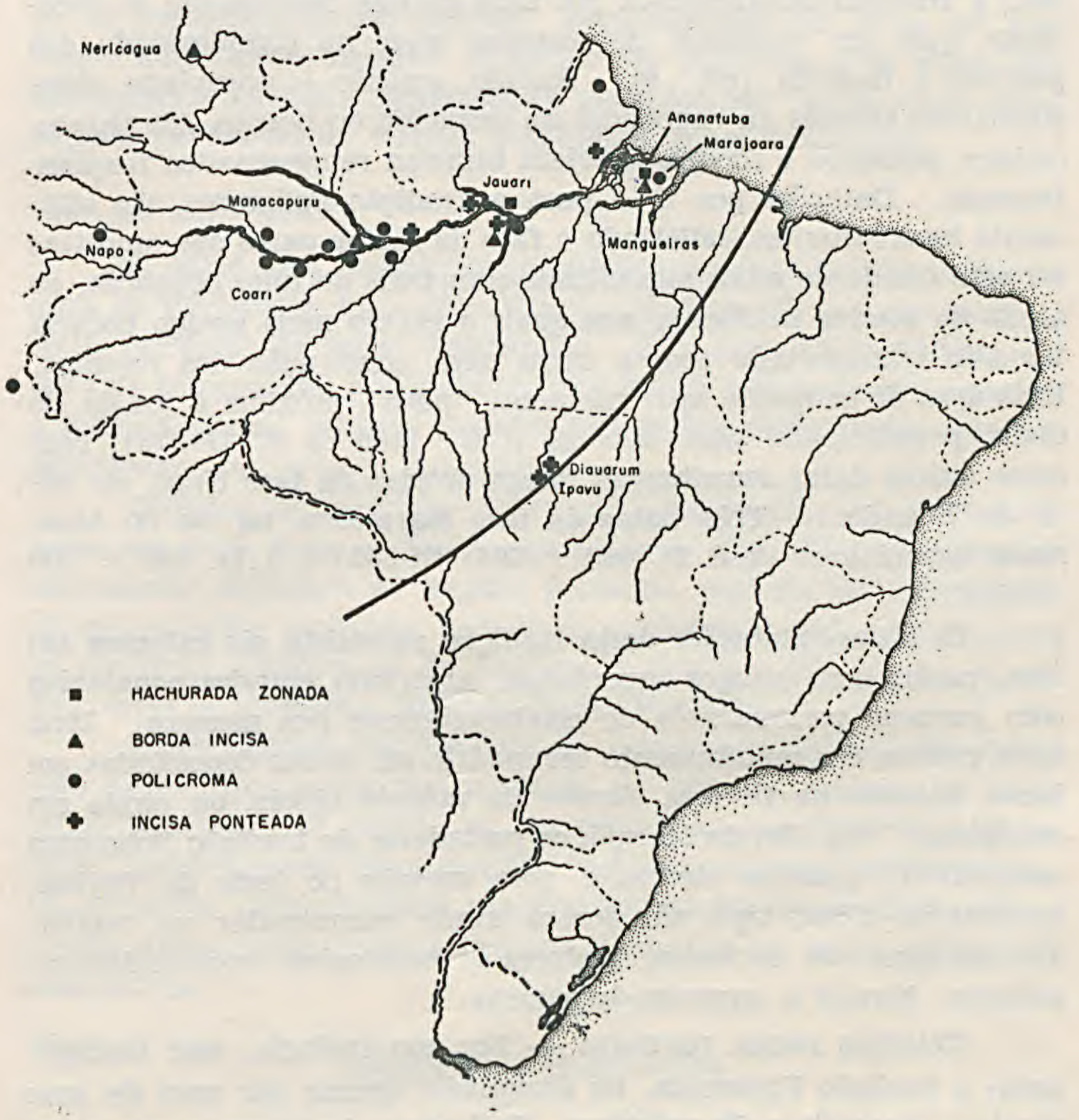


Fig. 10 — Localização na Bacia Amazônica das fases e sítios das tradições Hachurada Zonada, Borda Incisa, Policroma e Incisa Ponteada.

Datações por C-14 incluem A.D. 425 ± 58 (P-406) para Manacapuru e A.D. 761 ± 93 (P-161) para a fase Nericagua, no sul da Venezuela.

Raras estatuetas, cachimbos tubulares, batoques auriculares e labiais e carimbos planos e circulares de cerâmica são associados a esta tradição. Não há evidência de práticas funerárias.

TRADIÇÃO POLICROMA — Sítios com cerâmica pintada ocorrem ao longo de todo Amazonas, no Brasil (fig. 10). Ainda que a pintura vermelha e/ou preta sôbre engôbo branco seja a decoração mais popular, isto não significa a única técnica representada. De fato, a tradição caracteriza-se por uma grande proliferação de decoração, quer em variedade de técnicas, quer na complexidade dos padrões e motivos (est. 6). Incisão, excisão e acanalado sôbre superfícies simples ou engobadas de vermelho ou branco, são típicas, embora ponteado e modelado sejam também representados freqüentemente. Datações por C-14 para a tradição Policroma são altamente inconsistentes, refletindo o fato da maior parte das amostras ter sido obtida de sítios superficiais com mais de uma ocupação, ou ainda de aterros artificiais, nos quais o carvão mais antigo poderia ter sido transportado com a terra para construção dos mesmos. Uma área de ocupação aparentemente "pura", próxima à foz do rio Coari, proporcionou uma data de A.D. 1150 ± 47 (P-373), bem como outras datas semelhantes foram obtidas da fase Napo, no leste do Equador. Três datas da fase Marajoara, na foz do Amazonas estendem-se de A.D. 480 ± 200 (SI-386) a A.D. 690 ± 200 (SI-199).

Os sítios-habitações desta tradição ceramista são extensos em área, porém com refugos superficiais, sugerindo grandes populações com pequena permanência de estabelecimento nos mesmos. Uma nova prática é o sepultamento secundário em urnas depositadas em locais isolados na floresta, dentro da própria aldeia, ou ainda em cemitérios. Na ilha de Marajó, os portadores da tradição Policroma construíram grandes aterros e, com exceção do leste da Bolívia, construções dêsse tipo não foram ainda encontradas na região. De artefatos de cerâmica, incluem-se estatuetas, rodelas-de-fuso, colheres, bancos e suportes-de-panelas.

TRADIÇÃO INCISA PONTEADA — Por conveniência, esta tradição como a tradição Policroma, foi designada apenas por uma de suas técnicas decorativas diagnósticas. Salienta-se igualmente, na maior parte dos complexos componentes, a modelagem, seja sob a forma

SciELO

de baixos-relevos ou de adornos biomorfos sôbre a borda ou parede do vaso. A pintura também ocorre. A incisão é predominantemente retilínea e, às vêzes, os padrões são desenhados com precisão em delgadas linhas paralelas, uniformemente espaçadas. O ponteado é associado freqüentemente. Os sítios estão concentrados ao longo do Amazonas, a leste do rio Negro (fig. 10). Onde a informação cronológica é possível, como na área de Santarém e Território do Amapá, os sítios são mais recentes na seqüência relativa e, em alguns casos, contêm objetos de origem européia.

Há pouca informação específica sôbre o tamanho dos sítios ou de permanência das aldeias. Sepultamento em urna foi praticado em diversos locais. As urnas são pequenas e às vêzes contêm restos cremados. Artefatos de cerâmica não foram ainda catalogados devidamente, embora estatuetas sejam associadas.

ÁREA DO ALTO-XINGU

A única área amazônica pesquisada durante os três primeiros anos do PRONAPA foi o Alto Xingu, em Mato Grosso, próximo ao limite ecológico da Bacia Amazônica. Esta área foi escolhida pela falta de informações precisas e porque, sendo relativamente acessível à Faixa Costeira, poderia mostrar influências desta região que não penetraram na própria Amazônia.

Coleções de cerâmica de 12 sítios-habitações foram classificadas em duas fases — Diauarum e Ipavu (fig. 10). As técnicas decorativas consistem de incisão, ponteado, pintura vermelha-sôbre-branco, engôbo vermelho, entalhado e modelado, esta sob a forma de pequenos apliques ou de adornos de borda. Em técnica e motivo, estas se ajustam à tradição Incisa Ponteada.

A acumulação do depósito de refugo em alguns sítios-habições estende-se a uma profundidade de 120 cm, embora os cacos sejam esparsos. O padrão de sepultamento era de enterramento direto, acompanhado por oferendas, localizado na área de habitação. Os artefatos compreendem suportes-de-panela, cacos perfurados e arredondados como rodelas-de-fuso, machados de pedra lascados e semipolidos.

PROBLEMAS E POSTULAÇÕES

Uma análise crítica do estado atual da arqueologia brasileira leva-nos a uma realidade. Até 1965 a região do Brasil melhor

conhecida era a Bacia Amazônica; hoje a situação é inversa. A abordagem sistemática e o trabalho coordenado da equipe, durante os três anos passados, produziram uma extraordinária quantidade de dados específicos sôbre contexto cultural, distribuição de traços culturais, cronologia relativa e absoluta e padrão de povoamento de áreas selecionadas da Faixa Costeira. Ao contrário, a informação existente da Bacia Amazônica é esporádica, incompleta no inventário cultural e, às vêzes, sem contrôle cronológico. Apesar dessa diferença na precisão dos dados tornar a comparação da pré-história das duas áreas uma simples tentativa, várias observações podem ser feitas. Desde que a ocupação pré-cerâmica da Bacia Amazônica é desconhecida, esta dirá apenas respeito ao período ceramista.

Não obstante a ausência de qualquer evidência de intercâmbio cultural entre a Bacia Amazônica e a Faixa Costeira, a pré-história das duas regiões segue um curso geralmente paralelo. A manufatura da cerâmica surgiu na foz do Amazonas e no litoral da Bahia em cêrca de 1000 a.C., porém em nenhum dos dois exemplos esta inovação parece ter causado qualquer impacto além da área imediatamente próxima. De várias centenas de sítios conhecidos do baixo Amazonas, apenas duas localidades forneceram cerâmica da tradição Hachurada Zonada. Da mesma maneira, nada comparável à tradição Periperi foi até agora encontrado na costa brasileira ao sul da Bahia. Salvo as exceções já apontadas, tôdas as datas por C-14 disponíveis para os complexos cerâmicos da Bacia Amazônica e Faixa Costeira, alinham-se acima de A.D. 500, aproximadamente. A história subseqüente, em ambas as áreas, involve a interação de grupos empregando técnicas plásticas na decoração da cerâmica e representantes locais de uma ampla tradição pintada. Em ambas, essa tradição pintada está associada com sepultamentos secundários em urnas.

A vasta distância sôbre a qual as duas tradições pintadas se dispersaram, é outra forte semelhança entre as pré-histórias das duas áreas. Na Bacia Amazônica, a tradição Policroma estende-se desde as bases dos Andes até a ilha de Marajó, numa distância de mais de 4800 km. A tradição Tupiguarani cobre distância equivalente ao longo do litoral. Mesmo que seja reconhecido que as fases arqueológicas que compõem estas duas amplas tradições estejam longe de ser idênticas em conteúdo específico, sua distribuição torna-se ainda mais notável porque sua magnitude raramente foi igualada em outras partes do mundo. Aqui novamente, fatôres ecológicos

devem ser relevantes e, quando todos os dados coletados durante o PRONAPA forem revistos e analisados, esperamos estar em condições de isolar fatôres geográficos, topográficos, climáticos e de subsistência que contribuiram para essas dispersões de longo alcance, bem como determinar o período de tempo em que ocorreram. Na Faixa Costeira, onde o meio ambiente varia acentuadamente do sul para o norte, esperamos observar se as alterações na subsistência e no padrão de povoamento acompanharam a dispersão da tradição cerâmista.

A acessibilidade diferente da Faixa Costeira e da Bacia Amazônica a centros de desenvolvimento cultural do continente, é claramente refletido nas histórias de suas cerâmicas. A Faixa Costeira, isolada por barreiras ecológicas naturais da área andina, apresenta um quadro relativamente simples. Por outro lado, a Bacia Amazônica foi o receptáculo de influências de diversas culturas do norte e do oeste. Conseqüentemente, as tradições ceramistas gerais são muito menos homogêneas que aquelas da Faixa Costeira. Complexos de transição e híbridos são muito mais a regra que as exceções, e as características associadas às tradições ceramistas gerais servem mais como elementos auxiliares, pondo uma certa ordem nesta confusão, que pròpriamente como descrições de conteúdo cerâmico e cronologia.

Apesar das tradições Policroma e Tupiguarani serem distintas, parece improvável que os traços comuns que repartem fôssem inventados independentemente. Desde que a pintura policroma e a urna funerária foram amplamente dispersas no leste da área andina — estendendo-se da Colômbia ao noroeste da Argentina — uma derivação comum não implica necessàriamente num ponto comum de dispersão para as tradições que estamos interessados. Contudo, em vista de nosso profundo desconhecimento com relação aos achados arqueológicos da maior parte do leste da Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Paraguai, a compreensão dos processos de dinâmica cultural provocando essas difusões parece improvável aperfeiçoar-se em futuro próximo. Entrementes, a identificação de seus locais de origem e rotas de dispersão permanecem entre os mais empolgantes problemas da arqueologia das terras baixas da América do Sul.

Durante os dois anos restantes do PRONAPA, pelo menos uma dúzia de cronologias regionais será adicionada, principalmente na Faixa Costeira. A cobertura será expandida, incluindo partes do

Espírito Santo, Minas Gerais e Amazonas. Aguardamos também obter datações por C-14 adicionais para ajudarem na correlação das seqüências regionais e para preparar uma base mais sólida de inferências sôbre a velocidade de difusão das tradições e subtradições. Embora tenhamos enfatizado neste relatório um amplo quadro geral, estamos cientes que a realidade é muito mais complexa. O estabelecimento de uma infra-estrutura geral é, contudo, pré-requisito para deslindar situações locais complicadas, em que grupos de origens culturais similares ou diversas encontraram-se, misturaram-se ou se substituiram uns aos outros, em ambientes e tempos diferentes. De fato, cada participante está acumulando um amontoado de problemas excitantes de pesquisa, os quais aguardam sua atenção após o esfôrço coordenado do PRONAPA encerrar-se em 1970.

AGRADECIMENTOS

O trabalho de campo foi financiado pela Smithsonian Institution Research Foundation, enquanto as publicações e a concessão de bôlsas de pesquisas estiveram a cargo do Conselho Nacional de Pesquisas. Vários outros tipos de auxílio foram proporcionados pelas instituições com que os participantes estão filiados. Estamos profundamente agradecidos a tôdas essas instituições por seu contínuo interêsse e apoio. Desejamos também mostrar nosso apreço à Diretoria do Patrimônio Artístico e Nacional por sua colaboração. Finalmente, nossa gratidão ao corpo técnico do Museu Paraense Emílio Goeldi, especialmente a Dalcy Albuquerque, então Diretor, por sua cooperação constante e acolhida hospitaleira por ocasião do II Seminário do PRONAPA.

SUMMARY

Although Brazil includes a variety of landscapes and climates, two large general divisions can be recognized : the Amazon Basin and the Coastal Strip. These bioclimatic regions have independent prehistories, implying the existence of a strong natural barrier between them.

Along the Coastal Strip, the Preceramic Period lasted until about A.D. 500 except for an enclave on the Bahia coast. The earliest lithic complexes from the interior appear to lack stone

projectile points, but crude types occur in contemporary sambaquis. Otherwise, gross typology reveals little change in artifact types.

The earliest known pottery comes from sambaquis on the Bahia coast, where the Periperi tradition dates from the 9th century B.C. In the south, existing carbon-14 dates place the Taquara tradition of Rio Grande do Sul and the Tupiguarani tradition of Paraná in the 6th century A.D. The Vieira, Casa de Pedra, Itararé, Una, and Aratu traditions precede representatives of the Tupiguarani tradition in eastern Paraná, Rio de Janeiro, and Bahia, but their origins cannot be traced as yet. Except for the Aratu tradition, which may have evolved out of the Periperi tradition, these traditions show no affiliations with one another. The fact that they generally occupy habitats avoided by groups of the Tupiguarani tradition permitted their persistence in close proximity to members of the latter tradition, and there is ceramic evidence both of trade and of acculturation.

The Tupiguarani tradition contrasts with the Regional traditions in its pan-coastal distribution. The earliest occurrence is in Paraná, adjacent to the area occupied by the Taquara tradition, and most Tupiguarani ceramic complexes incorporate several decorative techniques characteristic of that tradition. In the earliest Tupiguarani phases, painted decoration predominates, and this Painted subtradition had spread to northeastern Brazil by the 13th century. With the passage of time, corrugation replaces painting as the most popular decorative technique. The Corrugated subtradition appears to be earliest in Rio Grande do Sul and is found as far north as Bahia. About the time of European contact, brushing replaces corrugation as the dominant surface treatment, creating the Brushed subtradition. Amalgamation of European ceramic elements with complexes of the Brushed subtradition gave rise to the Neo-Brazilian ceramic tradition, which persists in simplified form until the present day in rural areas.

In the Amazon Basin, preceramic complexes have not been identified and the archeological record begins with the introduction of pottery making around 1000 B.C. The earliest tradition, termed the Zoned Hachure Style, spread to the mouth of the Amazon but apparently exerted little influence on most of the non-pottery making inhabitants of the area. Sites of the succeeding Incised Rim style are more numerous and widely distributed, and also exhibit greater variation in ceramic features. The pan-Amazonian

Polychrome style has been dated between about A.D. 500 and 1200. The final Incised and Punctate style persited until European contact. Perhaps as a consequence of European encroachment on the Amazon river, groups representing this late tradition have been found far up the Rio Xingu close to the ecological border of the Amazon Basin. In addition to these general traditions, there are many local ceramic complexes with distinctive features, but too little is known about them to evaluate their chronological relationships or their role in Amazonian prehistory.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BÓRMIDA, AMALIA SANGUÍNETTI DE

1965 — Dispersión y características de las principales industrias precerámicas del Territorio Argentino. *Etnia,* Olavarría, 1 : 6-20. il.

CALDERÓN, VALENTIN

1964 — *O Sambaqui da Pedra Oca.* Univ. da Bahia, Salvador. 89 pp. il. (Instituto de Ciências Sociais, 2).

EMPERAIRE, JOSÉ & LAMING, ANNETTE

1956 — Les sambaquis de la côte méridionale du Brésil. *J. Soc. Amér.*, Paris, n. ser. 45 : 5-163.

EVANS, CLIFFORD & MEGGERS, BETTY J.

1968 — Archeological investigations on the rio Napo, eastern Ecuador. *Smithson. Contr. Anthrop.* Washington, 6, 127 pp. il.

FORD, JAMES, A.

1962 — *A quantitative method for deriving cultural chronology.* Pan American Union, Washington, 122 pp. il. (Technical Manual, 1).

HILBERT, PETER PAUL

1959 — Achados arqueológicos num sambaqui do baixo Amazonas. *Publ. Inst. Antrop. Etnol. Pará,* Belém, 10. 22 pp. il.

1968 — *Archäologische Untersuchungen am mittleren Amazon.* Berlin. 337 pp. il. (Marburger Studien zur Volkerkunde, 1).

HURT, WESLEY R.

1964 — Recent radiocarbon dates for central and southern Brazil. *Amer. Antiq.* Salt Lake City, 30 : 25-33.

MEGGERS, BETTY J. & CLIFFORD, EVANS

1957 — Archeological investigations at the mouth of the Amazon. *Bull. Bur. Am. Ethnol.*, Washington, 167, 664 pp. il.

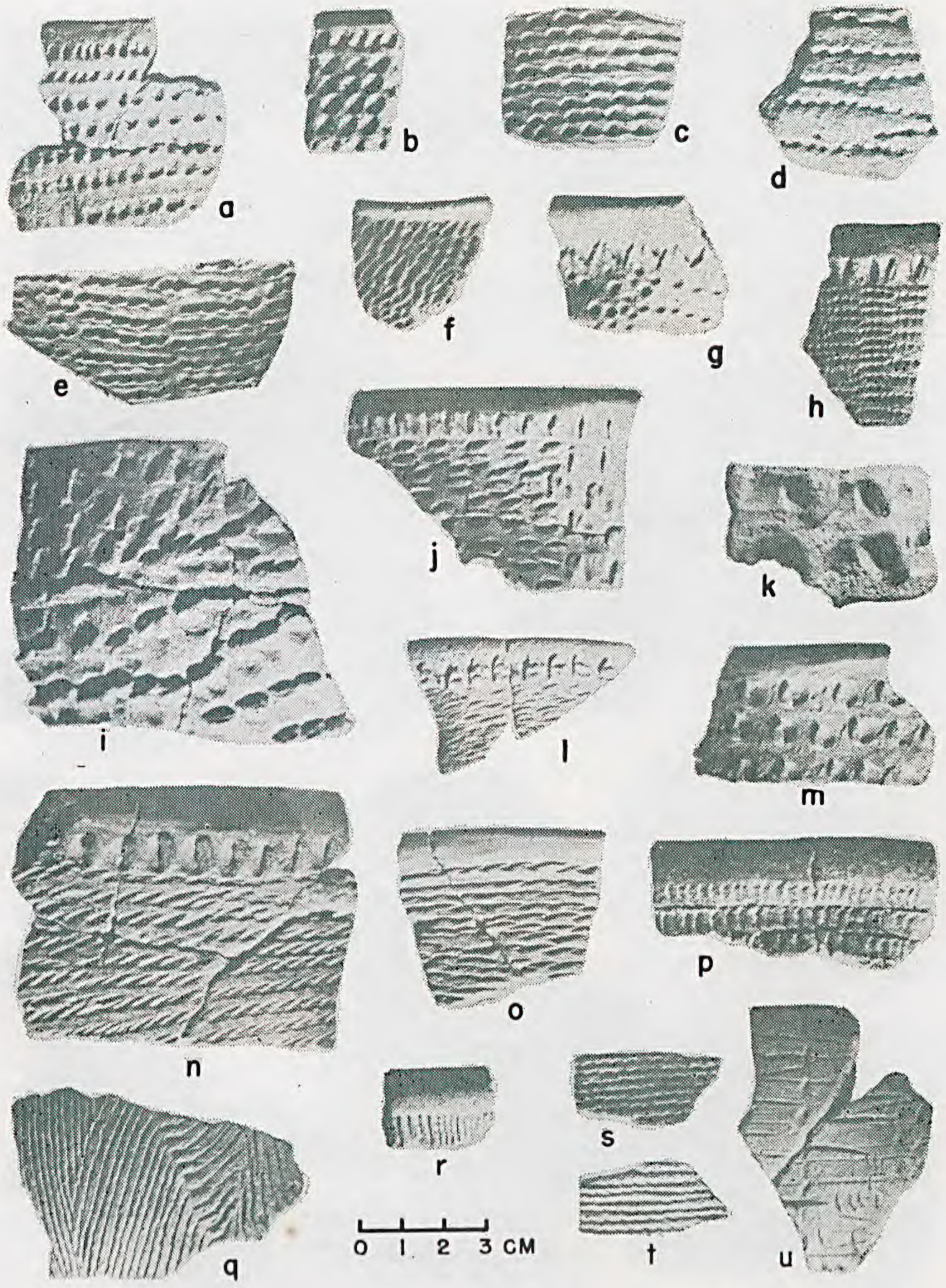
1961 — "An experimental formulation of horizon styles in the tropical forest area of South America". In : Lothrop, S. K. et alii — *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology.* Cambridge, Mass. pp. 372-88.

SCHMITZ, PEDRO IGNACÍO ET ALII
1967 — Arqueologia no Rio Grande do Sul. *Pesquisas*. Inst. Anchietano de Pesquisas. São Leopoldo, 16, 58 pp. il.

SIMÕES, MÁRIO F.
1969 — The Castanheira site: New evidence on the antiquity and history of the Ananatuba Phase (Marajó Island, Brazil). *Amer. Antiq.* Salt Lake City (in press).

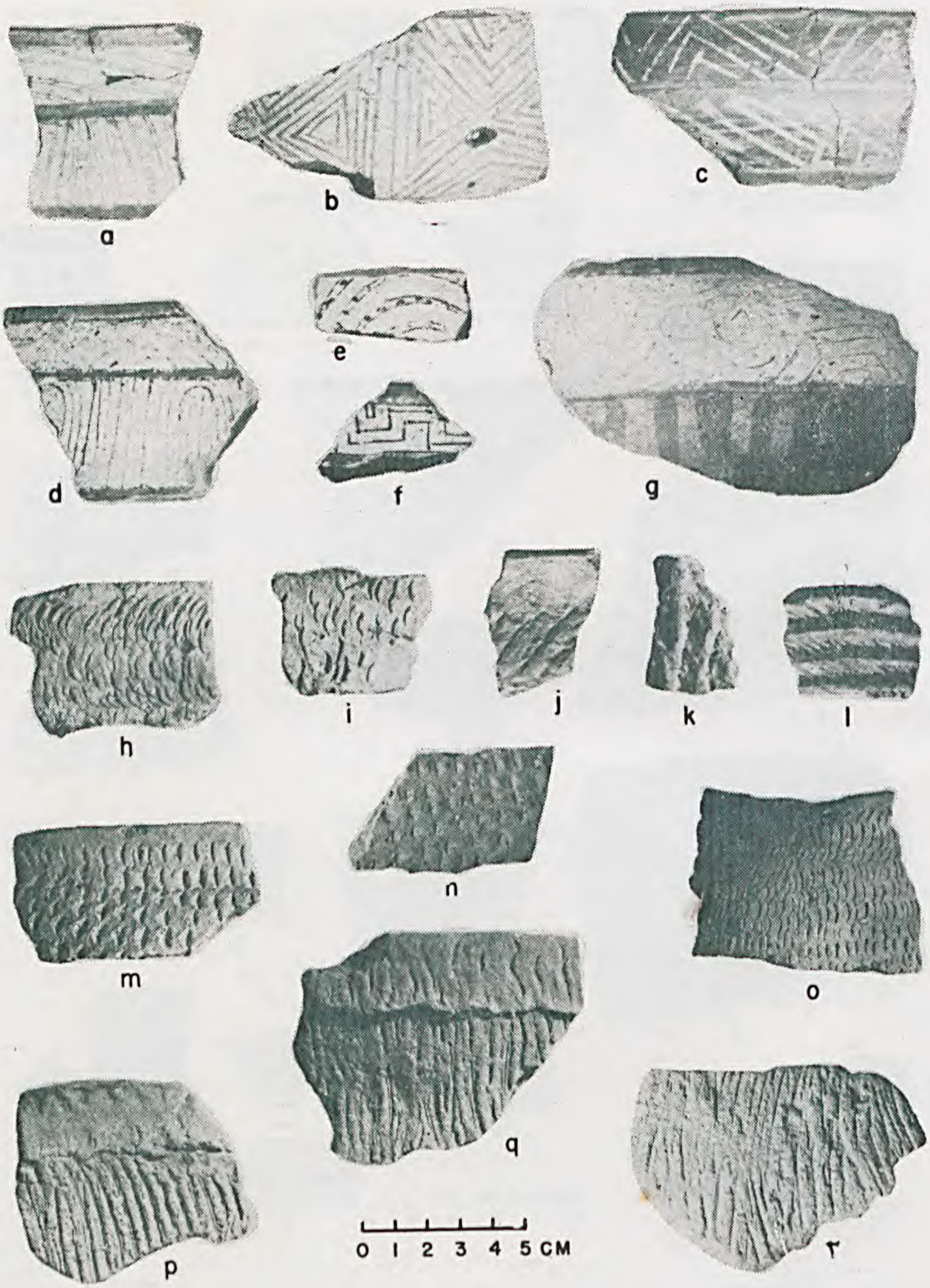
SIMÕES, MÁRIO F., *ed.*
1967 — Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados preliminares do primeiro ano. 1965-6. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, 6. 158 pp. il.

1969 — Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados preliminares do segundo ano, 1966-7. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, 10. 152 pp. il.



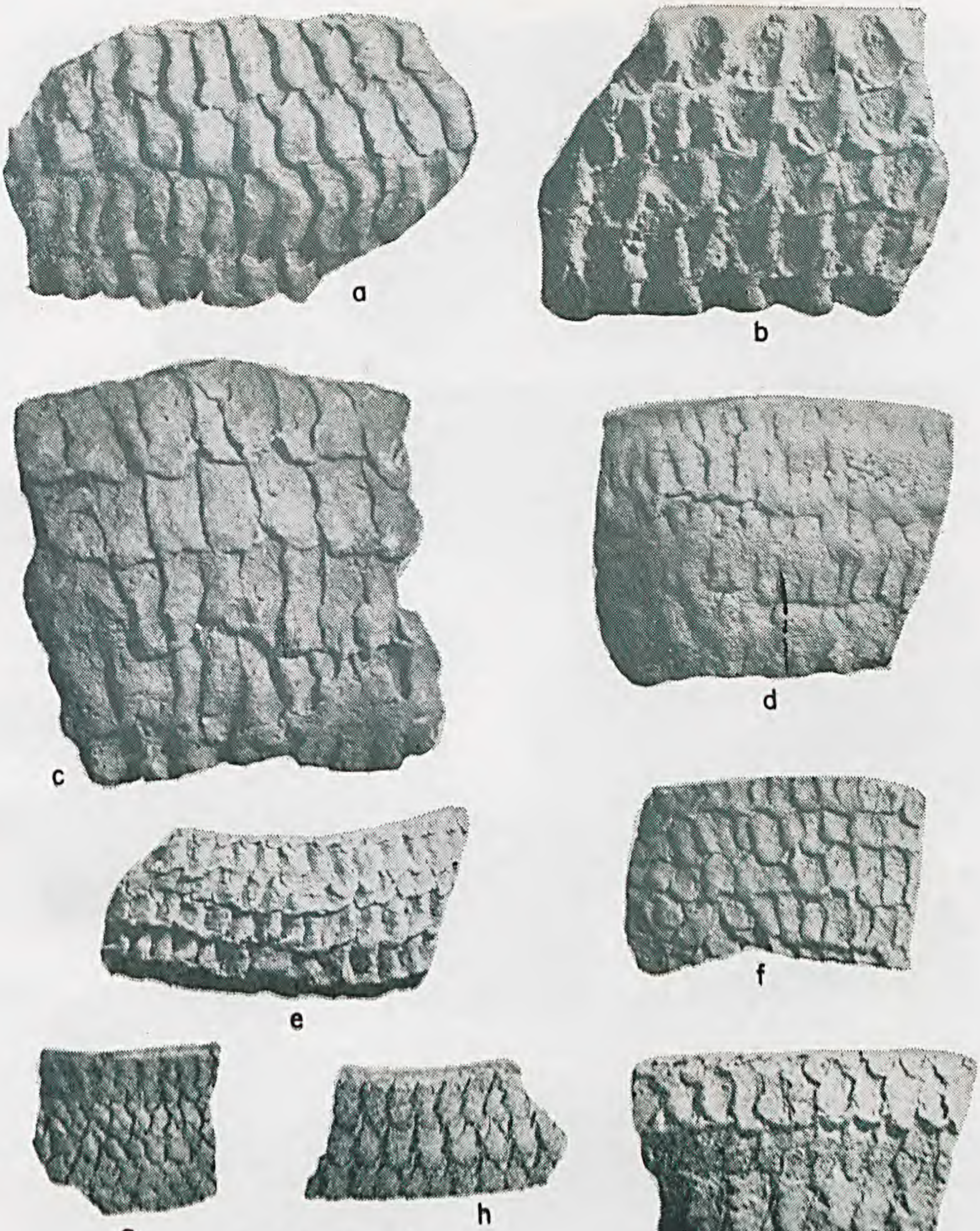
Decoração típica da cerâmica da fase Taquara. *a - b*, Ponteado em linhas. *c - e*, Ponteado arrastado. *f - g*, Ponteado irregularmente espaçado. *h*, Denteado carimbado. *i - k*, Pinçado. *l - n - p*, Ungulado. *m*, Ungulado raspado. *q - r*, Inciso. *s*, Marcado com corda. *t*, Impressão positiva da corda. *u*, Inciso ungulado.

ESTAMPA 2



Decoração típica da tradição Tupiguarani. *a - b*, Pintura vermelha sôbre engôbo branco. *c*, Pintura branca sôbre engôbo vermelho. *d - g*, Pintura vermelha e preta sôbre engôbo branco. *h - i*, Ungulado irregular. *j - l*, Serrungulado. *m - o*, Ungulado regular. *p - r*, Escovado.

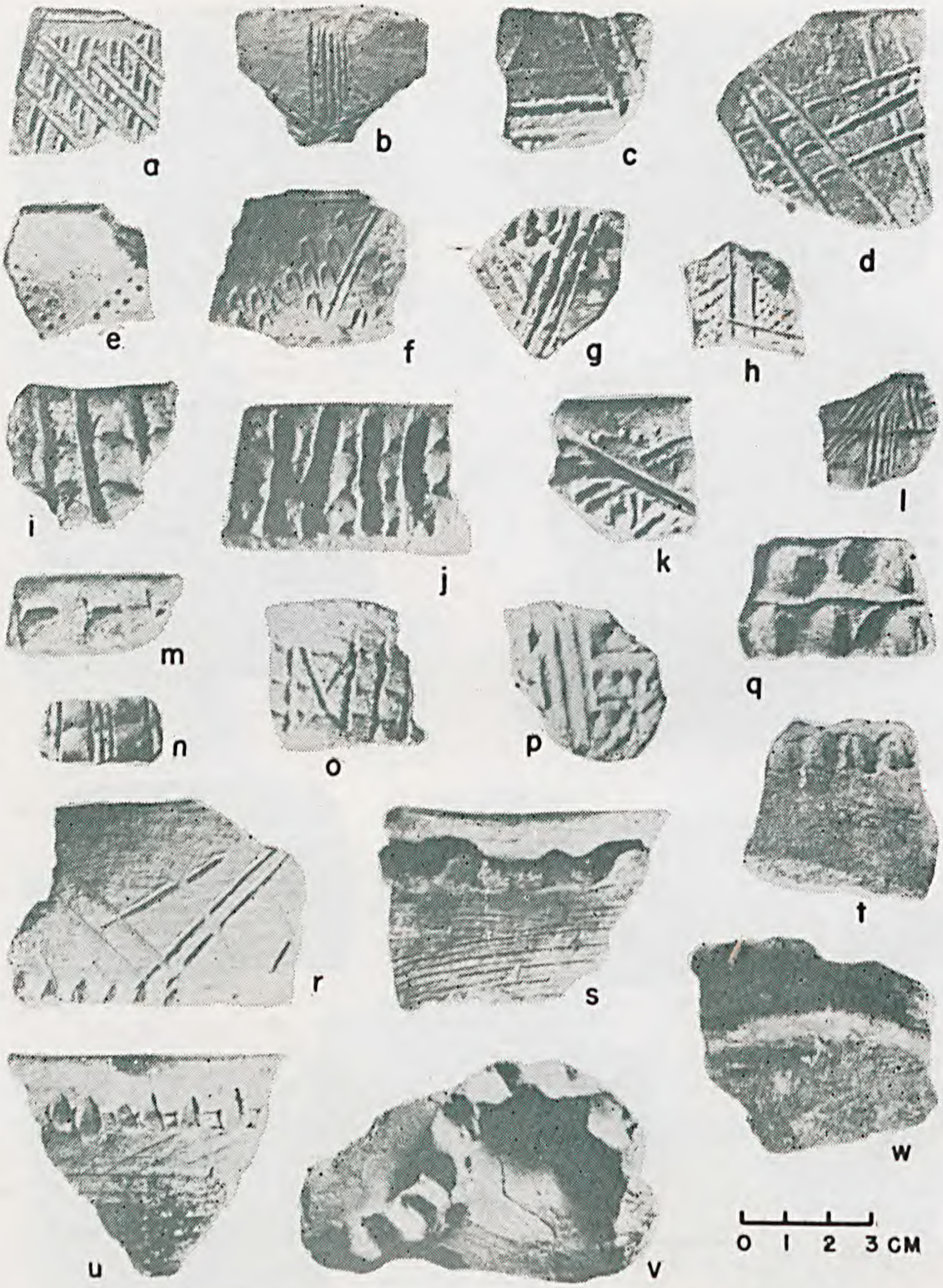
ESTAMPA 3



Tratamento corrugado da tradição Tupiguarani. *a - f*, Corrugado complicado. *g - i*, Corrugado e ungulado.

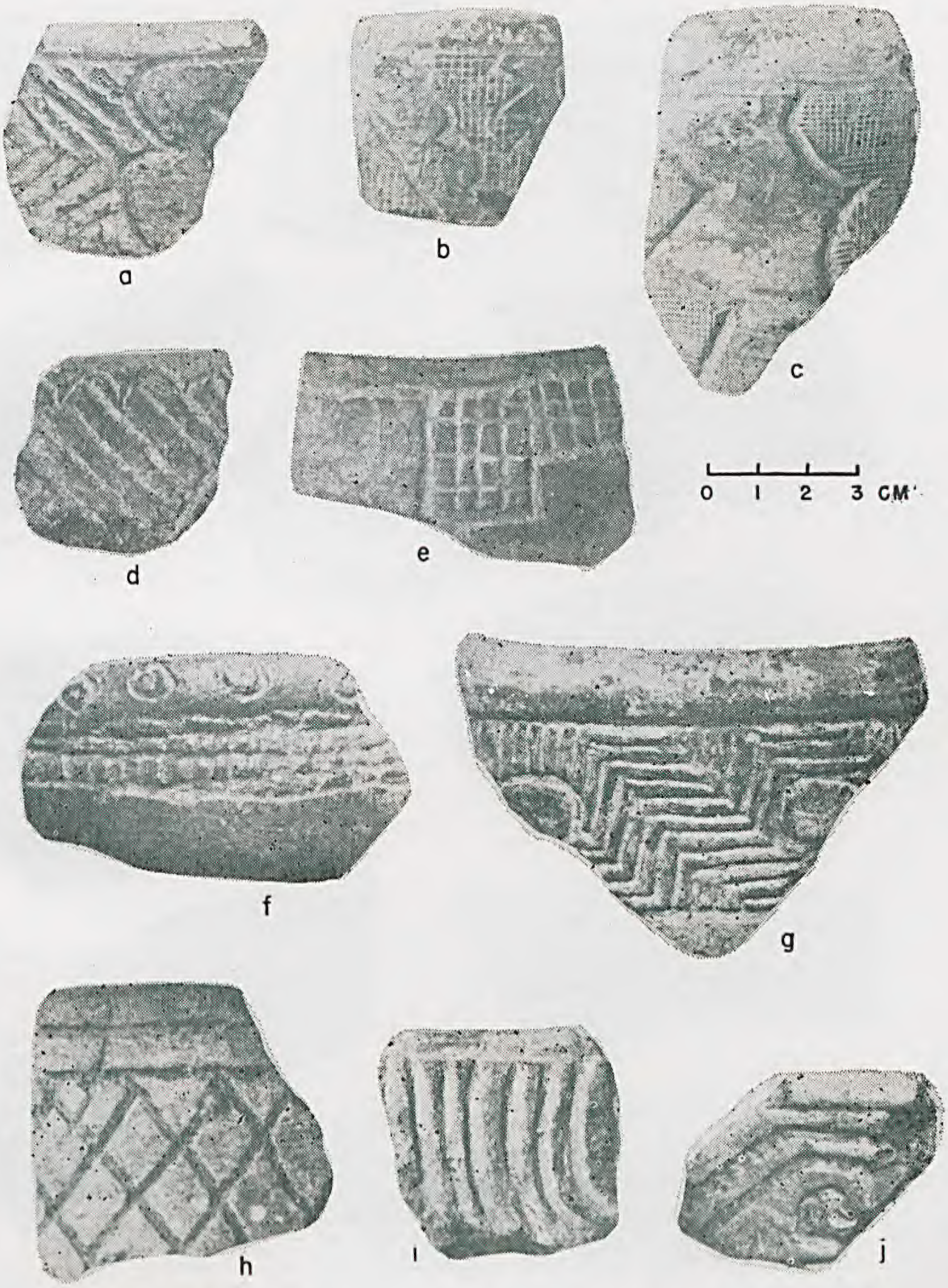
SciELO

ESTAMPA 4



Decoração típica da tradição Neo-brasileira. *a - d*, Inciso. *e - h*, Ponteado zonado. *i - o*, Incisão sôbre roletes não obliterados. *p*, Incisão e ponteado sôbre roletes não obliterados. *q*, Pinçado sôbre roletes não obliterados. *r*, Pinçado e inciso sôbre escovado. *s*, Frizo marcado com dêdo e escovado. *t*, Pinçado. *u*, Digitado e escovado. *v*, Asa marcada com dêdo. *w*, Asa simples.

SciELO



Decoração típica da tradição Hachurada Zonada. *a, d, i,* Hachurado paralelo zonado. *b - c,* Hachurado fino cruzado zonado. *e,* Hachurado largo cruzado zonado. *f,* Linhas e círculos incisos. *g,* Linhas paralelas em ziguezague. *h,* Hachurado largo cruzado. *j,* Inciso arrastado.

ESTAMPA 6

Decoração típica da tradição Policroma. *a - c,* Pintura vermelha sôbre engôbo branco. *d - f,* Pintura vermelha e preta sôbre engôbo branco. *g - i,* Excisão. *j - l,* Incisão.

SciELO

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17